

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

# ILONA ANDREWS



WOLVES  
LORDS

## MAGIC --- STARS



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade poderá  
enfim evoluir a um novo nível."

---













Mais uma Produção Exclusiva das  
Divas & Lord's FOREVER



Traduzido do Inglês e Espanhol por Fãs

Disponibilizado por: Janiele

Tradução: \*Bia Divas

1<sup>a</sup> Revisão: \*Netero

2<sup>a</sup> Revisão, Leitura Final e Formatação:

\*Bia Divas e \*Divas Rosa



# Estrelas Mágicas (Grey Wolf #1)

Ilona Andrews

Copyright © 2015

*Marcado pela terrível experiência que passou, o solitário **Derek Gaunt** separou-se do Bando, e é agora verdadeiramente um lobo solitário. Sem família ele não responde a ninguém; mas é ferozmente fiel a alguns poucos amigos escolhidos. Então, quando uma família próxima a ele é assassinada, Derek não desistirá de caçar o assassino pelas ruas encharcadas de magia de Atlanta.*

*Furtiva, esperta, determinada—alguns diriam teimosa—**Julie Lennart Daniels- Olsen**, logo se juntará a caça ao assassino junto com Derek, e o que começou como vingança se transforma em uma corrida para salvar a cidade. Sua busca coloca-os contra poderes que*

*eles nunca imaginaram e magia tão antiga que antecede a história. Pode custar a vida de Derek, mas há coisas pelas quais até ele arriscaria tudo.*

# Capítulo 1

DEREK MOVEU-SE SILENCIOSAMENTE.

A garçonete do andar de baixo, uma mulher atarracada com olhos duros e uma mandíbula mais dura, não o ouviu. Ela apenas olhou para cima enquanto ele andava para a escada que dava para os quartos dos fundos. A mulher pegou a espingarda que mantinha sob o bar, depois viu o rosto dele e mudou de ideia. O rosto costumava ser um problema, mas ele se acostumou com isso. Sabia que os olhos dele davam às pessoas a certeza que o seu interior combinava com a sua aparência exterior, e então a garçonete se afastou e o deixou subir as escadas. Era uma velha escadaria de madeira, provavelmente Pré-Mudança, antes que as ondas mágicas golpeassem o mundo e transformasse as maravilhas tecnológicas em pó. A madeira da escada possivelmente rangia sob o peso dos humanos todos os dias, mas os degraus desgastados se mantiveram silenciosos dessa vez. Ele sabia onde colocar os pés.

Um pequeno corredor se estendeu diante dele, duas portas à direita, três portas à esquerda. Tudo desligado. Ou o dono estava tentando economizar eletricidade ou a conta de ar refrigerado. Os quartos estavam vazios, todos, menos um. O segundo à esquerda estava ocupado. Ele parou perto da porta e ouviu. Do outro lado de um pedaço de madeira de dois centímetros e meio de espessura, as pessoas falavam e se moviam. Cinco. Todos homens, bebendo e conversando em voz baixa. A corrente de ar debaixo da porta trouxe o cheiro de cerveja barata para as suas narinas, misturado com o fedor metálico de sangue humano. Ele seguiu esse odor por metade da cidade.

*Pessoas mentem. Cheiros nunca mentem.*

As sombras sob a porta indicavam uma única fonte de luz. A magia não estava ativa. A luz amarela desbotada que vazava através

da fenda sob a porta era elétrica e, a julgar pelo corredor, o dono era muito pão-duro para usar qualquer coisa que não fosse uma única lâmpada. Ele enfiou a mão no bolso da calça jeans com a mão esquerda e puxou uma pedra que pegou do lado de fora. *Isso servirá.* Ele tirou uma faca da bainha. Era uma simples *faca de combate*<sup>1</sup>, lâmina fixa de dezoito centímetros de comprimento revestida com *epóxi preto*<sup>2</sup> para não refletir a luz.

Os cinco homens dentro não ouviram nada, suas vozes ainda estavam calmas. Relaxadas.

Derek lembrou-se da casa de onde estava vindo, se preparou e chutou a porta. A porta se estilhaçou, explodindo sob o impacto de sua força sobre-humana e atirou a pedra na luminária solitária acima da mesa. O vidro quebrou e a sala mergulhou na escuridão.

Seus instintos derramaram um coquetel de hormônios em sua corrente sanguínea numa corrida eletrizante. A escuridão floresceu abrindo-se como uma flor, revelando cinco batimentos cardíacos envoltos em cheiros. Sua mente sinalizou 'presas', impulsionando-o através da escuridão em direção ao primeiro corpo quente que lutava para puxar uma arma. Derek cortou a garganta do homem. A faca afundou profundamente cortando os ossos. Um exagero. Ele estava excitado demais. Girou para a esquerda, desviando de uma bala antes de ver a explosão do cano do outro lado da sala, agarrou o homem em seu caminho e enfiou a faca em seu peito. O coração se rompeu. Derek puxou a faca e se virou para se agachar junto à parede.

Tiros explodiram alto na pequena sala. Eles estavam disparando às cegas, em pânico.

Um batimento cardíaco pulsou em frente a ele, um homem girava descontroladamente, a arma cuspidando balas.

*Boom, Boom, Boom ... clique.*

Ele diminuiu a distância entre eles em um único salto, o impacto de seu peso derrubou o homem, pousou em cima do atirador e

cortou a *carótida*<sup>3</sup> e a *jugular*<sup>4</sup> com um golpe rápido e preciso. O quarto homem girou e disparou na direção do barulho, mas Derek já estava se movendo, pulando para a frente agachado. Ele jogou o braço do atirador para o lado, enfiou a faca na virilha do homem, torceu-a e arrastou-a para cima. O homem gritou e caiu.

Dois batimentos cardíacos se foram, dois desapareciam rapidamente, um rápido e o outro frenético. Alguém na sala ainda estava vivo. Suas narinas dilataram. O odor de sangue girava em torno dele, intoxicante, exigindo mais. Mais sangue; mais assassinato; mais excitante, exigindo agarrar com suas garras mais carne fresca que ele poderia morder e rasgar. Derek desligou a sede de sangue, colocou a faca na mesa e fez uma pausa para identificar o som fraco de um ser humano tentando respirar calmamente pela boca. *Encontrei você.* Ele atravessou a sala, evitando poças de sangue no chão. O homem estava deitado, abraçando o chão. Derek se agachou em um movimento fluido, trancou a mão na garganta do homem e o arrastou para cima. O homem gorgolejou, contorcendo-se na mão de Derek tentando agarrar com suas unhas curtas o braço que o segurava. Um aperto e os ossos do homem seriam triturados e estaria tudo acabado.

Derek arrastou-o para o fundo da sala e abriu a cortina grossa. O luar iluminou seu prisioneiro, pintando o rosto torturado do homem de azul. Branco, cabelos escuros e curtos, pelo menos trinta anos, velho o bastante para saber o que ele havia feito. Um criminoso profissional.

Derek pegou uma cadeira com a outra mão, colocou-a contra a janela e empurrou o homem nela. O bandido caiu, tentando desesperadamente sugar um pouco de ar em seus pulmões. Seus olhos se arregalaram, suas pupilas escuras enormes de medo cobriu as íris deixando apenas um anel estreito de azul.

— Eu conheço você. —O bandido forçou, sua voz rouca. — Você é Derek Gaunt.

*Bom. Isso seria rápido.* — Seis horas atrás, vocês cinco invadiram a casa de Randall e Melissa Ives.

— Eles não eram metamorfos, eu juro. Eu juro que eles não eram.

— Você atirou duas vezes em Randall, no corredor, e o deixou sangrar. Matou Melissa na cozinha, três tiros, dois na cabeça, um no peito.

Os olhos do homem se arregalaram.

— Então subiu e atirou em Lucy Ives, de dez anos de idade e em seu irmão Michael, de sete anos. Você aniquilou toda a família. A questão é: por quê?

— Eles não eram metamorfos!

— Não, eles eram seres humanos. Também eram ferreiros. — Derek se aproximou e levantou a faca. — Melissa Ives fez essa faca.

Ele enfiou a faca no estômago do homem e cortou uma longa linha profunda de um lado para o outro. O sangue jorrou do corte. O ar cheirava a azedo quando a lâmina alcançou os intestinos. O homem soltou um grito de dor e se engasgou com o próprio terror.

— Por quê? — Perguntou Derek.

— Eles tinham uma pedra. — O homem apertou as palavras entre suspiros afiados. — Algum tipo de pedra metálica. Caleb queria essa pedra.

— Caleb Adams?

O homem assentiu, tremendo. — Sim. Ele.

Caleb Adams era um bruxo, mas seu clã o expulsou. Ele se proclamara um feiticeiro e agora administrava uma gangue à ao redor do Warren. Rodeado pelo Cemitério Vista Sul e o Parque Lakewood, o Warren tinha começado como parte do projeto de renovação urbana, mas a magia o acertou em cheio. Era um lugar pobre, traiçoeiro e cruel, uma zona de guerra onde as gangues lutavam entre si. Caleb Adams se sentiu em casa. Ele era violento e faminto por poder e de acordo com as últimas informações de rua, estava defendendo seu novo território contra outras duas gangues e perdendo.

— Onde está a pedra agora?

— Não conseguimos encontrá-la.

*Hora de uma conversa mais precisa.* Derek ergueu a faca.

— Nós não conseguimos encontrar! —O homem gritou. — Eu juro! Nós destruimos a casa procurando por ela. Rick e Colin atiraram no cara e na esposa e os dois morreram antes que pudéssemos perguntar.

— Por que atirou nas crianças?

— Isso foi Colin. Ele atirou na mulher e correu direto para o andar de cima. Ele simplesmente enlouqueceu.

Derek desejou saber qual deles era Colin. Infelizmente, não poderia matá-lo novamente.

— Como é essa pedra?

— Tem aproximadamente o tamanho de uma laranja. Pedra metálica brilhante. Brilha se você levar para fora ao luar.

A respiração do homem diminuiu. O sangramento estava matando-o. — Três ... —Ele sussurrou.

— Três o quê?

— Três pedaços de pedra. Rick disse que a pedra havia quebrado ... em três pedaços. Rick disse que Caleb já tinha uma e queria as outras. Ele enviou ... duas equipes para procurá-las. Eu não sei para onde a outra equipe foi. É tudo o que sei. Não me mate.

Os lábios de Derek se esticaram em um sorriso por conta própria, impulsionados não pelo humor, mas pela necessidade instintiva de mostrar os dentes enquanto o seu interior selvagem olhava através de seus olhos. — Há fedor de pólvora em sua mão e manchas de sangue em sua camisa. Cheira como Michael Ives.

O homem congelou.

Derek sorriu mais largo. — Eu não faço negócios com assassinos de crianças.



A NOITE ESTAVA AZUL.

O céu profundo pulsava como se estivesse vivo, os pequenos pontos brilhantes, estrelas distantes, piscavam para ele enquanto corria pelas ruas da noite. A lua havia aparecido e subiu enorme e redonda, derramando uma cascata de prata líquida na cidade meio arruinada, chamando-o para o caminho que chamava todos os lobos. Se ele não tivesse um trabalho a fazer, teria corrido direto de Atlanta para além da floresta alimentada por magia, trocado sua pele humana por pelos e quatro patas, e uivaria para ela. Suas cordas vocais humanas tinham sofrido muito dano na mesma luta que havia alterado seu rosto, mas sua voz de lobo era tão boa quanto sempre foi. Ele mergulharia naquele brilho de prata até que seus olhos cintilassem e cantaria uma longa canção sobre caçar e correr pela floresta escura no meio da noite. Em noites como essas, lembrava que tinha apenas vinte anos. Mas tinha um dever a cumprir.

Os cinco assassinos enviados por Caleb não tinham caminhado longe demais da casa que destruíram, apenas oito quilômetros, então ele se acomodou em uma corrida fácil, atravessando um quilometro e meio em quatro minutos na melhor das hipóteses, e deixou o ar da noite expandir seus pulmões. O Casino passou, um castelo branco, que agora estava verde ao luar. Ele podia enxergar as formas desumanas de vampiros rastejando ao longo de seus parapeitos, cada morto-vivo telepaticamente dirigido por um navegador humano. Derek fazia questão de matá-los quando a oportunidade se apresentava. As oportunidades não surgiram com muita frequência, vampiros pertenciam a Nação e, a Nação e Kate estavam em uma trégua. Ele não concordava com isso, mas era necessário.

*Às vezes você tinha que colocar seus sentimentos pessoais de lado e fazer o que era necessário.*

Uma onda mágica inundou o mundo, apagando as raras luzes elétricas e acendeu o gás dentro dos tubos de vidro das lanternas a gás. A luz alimentada por magia era azul e misteriosa. O poder o encheu. Seus músculos ficaram mais fortes, seu coração bombeou mais sangue a cada batida; os cheiros e os sons ficaram mais nítidos. Era como andar pelo mundo com um capuz de plástico translúcido cobrindo sua cabeça e de repente o capuz ser arrancado. O ar estava fresco. A pura alegria o encheu, sorriu e correu e, por um breve momento, esqueceu a família de humanos morta.

A rua da casa dos Ives surgiu rapidamente. Ele saltou, bateu em um carvalho para fazer uma curva acentuada e caiu nas profundas sombras índigo de uma casa. Seus ouvidos pegaram barulhos de móveis sendo derrubados. Alguém estava vasculhando a casa dos Ives. O bairro era muito tranquilo para ter ladrões a essa hora.

O barulho parou.

Ele esperou por um longo momento.

Nada.

Derek estava contra o vento. Eles poderiam ter parado de ser mover por qualquer razão. Também era possível que eles perceberam sua presença. Só havia uma maneira de descobrir.

Derek se endireitou e caminhou em direção à casa.

Três pessoas saíram da casa e se espalharam pela rua, movendo-se com um andar revelador. *Metamorfos*. Definitivamente não era uma das equipes de batedores do Senhor das Feras. Derek conhecia todos os metamorfos que trabalhavam na cidade e eles o conheciam. Esses três não pareciam familiares. Uma equipe do Bando não teria nenhum problema em estar aqui nesse lado da cidade de qualquer maneira. Os Ives eram humanos, e a casa ficava do outro lado da fronteira invisível que dividia Atlanta no território do Bando e no resto da cidade.

Os três caras levantaram os ombros. Ele ficou nas sombras. Os homens provavelmente não podiam ver seu rosto claramente, não com o capuz cobrindo-o, mas eles haviam percebido seu cheiro e

não mostraram nenhuma reação de que houvessem o reconhecido. Isso deixava duas possibilidades: *ou eles eram intrusos no território do Bando, se for esse o caso eram estúpidos suicidas, ou eram novos no Bando, provavelmente parte do grupo das sete famílias que Jim, o Senhor das Feras, havia formalmente aceitado no Bando de Atlanta mês passado.* E aqui estavam eles, saqueando a casa de uma família morta.

*Jim amaria saber disso.*

Todos os três eram jovens: final da adolescência, *vinete e poucos anos*<sup>5</sup>. Um chacal à esquerda, o mais alto dos três, com um cabelo solto e ruivo. Um lobo à direita, baixinho, cabelo castanho claro. Derek não havia reconhecido o cheiro assim que chegou, mas agora, depois de um tempo, o lobo cheirava levemente familiar. O cara no meio tinha o corpo de um lutador. O cheiro dele dizia que era um felino e dos grandes.

O felino aproximou-se e levantou o queixo. Cabelos longos e escuros, grandes olhos redondos. Confiante. Eles tinham mais ou menos a mesma idade e o felino estava claramente avaliando-o. Seus olhos diziam que ele gostava de lutar e não perdia com frequência.

*Havia uma primeira vez para tudo.*

— Vocês estão muito longe da Fortaleza, —disse Derek.

— Você fede a sangue, —disse o chacal.

*E isso seria um aviso, se você não fosse tão estúpido.*

— Ele cheira estranho. —O lobo enrugou o nariz, tentando descobrir o que estava sob o sangue. — Quase como um *loup*.

Derek ouviu isso antes. Às vezes, as lembranças que ele mantinha escondidas nos últimos seis anos irrompiam e seu corpo reagia. Foi o cadáver de Lucy Ives que provocou essas lembranças. Ele encontrou sua irmã mais nova da mesma forma que encontrou Lucy: *enrolada em uma bola em cima do seu próprio sangue.* Ela também tinha dez anos.

— Ele não é um *loup*, —disse o gato. — Loups não podem ficar em sua forma humana, mas ele não é do Bando. Se fosse, o conheceríamos. O que significa que não tem nada que se meter aqui.

— Vão embora, —disse Derek.

— O que? —O gato apertou os olhos. — Eu não posso ouvir você, forasteiro. Talvez devêssemos mostrar a ele o que o Bando faz com invasores.

Eles eram estúpidos demais ou novatos demais para saber que a política oficial do Bando ditava que forasteiros deveriam ser convidados educadamente, mas firmemente orientados, a visitar a Fortaleza ou ir embora em três dias. O Bando não precisava ameaçar e nem intimidar. Uma lição que esses idiotas aprenderão rapidamente. A dor é uma excelente professora.

O Bando tornou-se a maior organização de metamorfos do país, perdendo somente para a Fúria de Gelo no Alasca, e reivindicou um vasto território cobrindo todos os estados da Geórgia e Carolina do Norte se estendendo até a Flórida. Metamorfos não afiliados não eram permitidos dentro das fronteiras do Bando. Eles tinham três dias para se apresentar às autoridades do Bando e solicitar a admissão ou irem embora dentro desse prazo. O Bando era forte e muitos queriam se entrar, mas absorver recém-chegados e acomodá-los na estrutura de poder existente levava tempo. Quando Curran era o Senhor das Feras e Kate era sua Consorte, Curran havia fechado a entrada para o Bando. Jim, o atual Senhor das Feras, seguiu essa política. Ele não queria que o Bando crescesse rápido demais, especialmente agora que o título do Senhor das Feras mudara de mãos há apenas alguns meses e seu poder continuava frágil. Por alguma razão, este pequeno grupo em particular teve permissão para entrar. Neste momento, Derek não conseguia ver o porquê.

Um barulho alto de cascos fez com que todos se virassem. Um cavaleiro saiu da rua lateral. O cavalo chamou atenção primeiro. Não tinha como não notar. Parecia um *cavalo de tração*<sup>6</sup>, com um

poderoso traseiro e um corpo rígido, tinha um pescoço musculoso e longos pêlos na parte de baixo das patas que dificultariam ver onde seus cascos estavam se resolvesse chutar alguém, o que tentou fazer na primeira vez que ele sentiu o cheiro de Derek. O cavalo era negro ou quase negro, manchado de pintas cinzentas muito fracas, mas os longos pêlos das patas, que lembrou que o termo correto eram plumas, embora por que diabos chamavam plumas não fazia sentido para ele, eram brancos. A crina também era branca, ridiculamente longa e ondulada. Estava ondulada porque a dona do cavalo a trançava e às vezes colocava flores nela e porque não conseguiu ter um cavalo normal. Ela tinha que ter algo parecido com *Meu Pequeno Pônei*<sup>7</sup>.

— Que diabos de cavalo é esse? — Perguntou o chacal.

— *Cavalo cigano*<sup>8</sup>. — Ele não podia manter o tom de desagrado de sua voz. Cavalo cigano e o *Frísio*<sup>9</sup> eram as duas únicas raças de cavalos que ele conhecia porque foi obrigado aprender sobre elas.

O cavalo cigano se movia através da luz da lua, carregando seu cavaleiro sem qualquer esforço, o que não era uma grande dificuldade já que o cavaleiro tinha dezesseis anos de idade, apenas um e sessenta e oito de altura e pesava talvez cinquenta e cinco quilos se ela estivesse encharcada, vestindo todas as suas roupas e carregando os seus dois *tomahawks*<sup>10</sup>.

Ele abriu a boca e fechou. Julie estava vestindo uma camiseta azulada com as palavras '**Magia Selvagem**' bordadas nela e um shorts jeans. Suas longas pernas nuas se destacavam contra os pêlos pretos do cavalo. Seu cabelo loiro estava puxado para trás em um rabo de cavalo deixando seu longo pescoço exposto. Um pescoço que seria assustadoramente fácil de agarrar, mesmo para um ser humano normal.

O gato estava olhando-a maldosamente. *Ela era uma criança!* Ele a olhava como se ela fosse uma sobremesa. Nada de bom estava passando por sua cabeça.

Derek mordeu as palavras, lutando contra um grunhido. — Que merda você está olhando?

O gato sorriu, mostrando os dentes. — Bônus.

Então esse era o plano do gato: *Mate o lobo e pegue Julie*. Bom plano, se Derek tivesse com as duas mãos amarradas atrás das costas e os pés acorrentados ao chão.

Julie acenou para ele e piscou para os três metamorfos. — Vocês não devem encurralar lobos grandes como ele em uma rua escura. Faz mal à saúde.

— Que diabos você está fazendo aqui? —Ele rosnou. Ela não deveria estar aqui. Não no meio da noite e não na frente desta casa. Derek não queria contar a ela o que havia acontecido na casa.

— Estou trabalhando, —disse ela.

— Por que está vestida assim?

Seus olhos se estreitaram. — Vestida assim como?

— Assim.

— Não há nada de errado com a maneira como ela está vestida. —O gato sorriu, mostrando os dentes brancos. — Eu gosto disso.

*Ria enquanto pode*. — Cala a boca. Se eu decidir pedir sua opinião, direi 'Ei idiota' para que você não fique confuso.

O gato rosnou de volta. — O que diabos faz você pensar que pode me dizer o que fazer?

Julie suspirou. — Olha, eu não tenho tempo para essas coisas de homens, onde vocês ficam ao redor um dos outros e se insultam. A cidade tem uma Guardiã e eu sou a *Arauto*<sup>11</sup> dela. Eu tenho uma tarefa e vocês estão entre mim e meu destino. Tirem suas bundas daqui ou serão destruídos.

— Que porra está acontecendo aqui? —O chacal perguntou.

Isso era o suficiente. Derek deu um passo à frente, saindo das sombras para o luar.

As sobrancelhas do gato subiram. — O que diabos aconteceu com seu rosto?

— Oh merda. —O lobo levantou as mãos, recuou e sentou-se no chão. — Eu me submeto. Não quis ofender. Diga a Curran que eu não quis ofender.

O gato e o chacal ficaram olhando para o lobo.

— Qual é o seu problema? —Perguntou o chacal.

— Esse é o Lobo do Senhor das Feras. —O lobo levantou as palmas das mãos para fora. — E essa é a filha do Senhor das Feras. Estou fora.

— Eu vi o Senhor das Feras, —disse o gato. — Ele é negro, sua companheira é asiática e não tem filhos.

— Não esse Senhor das Feras, seu idiota, —disse o lobo. — O primeiro. O ex Senhor das Feras.

— Espere. —O chacal disse. — Existe outro Senhor das Feras?

*Eles eram idiotas.* Derek estava prestes a lutar contra dois idiotas.

— Você não pode desafiá-lo, —disse o lobo.

— O inferno que eu não posso. —O gato mostrou os dentes.

— Se você lutar com ele, será até a morte. —O lobo advertiu.

— Eu não me importo.

— Isso é para *hoooooooooje*. — Julie gritou.

— Eu vou te matar! —O gato declarou. — Vou rasgar sua garganta e comê-la.

*Sim, ele nunca ouviu isso antes.*

Julie suspirou novamente e olhou para ele. — Isso está demorando muito. Ele acabou de fazer uma declaração de intenção de assassinato. Entendemos claramente a declaração. O grande é seu, eu vou pegar o ruivo.

Derek e Julie se movimentaram ao mesmo tempo. Ele era um metamorfo e ela era humana, então Derek ganhou a corrida, mas percebeu, enquanto corria em direção ao gato e Julie lançava um de seus machados pelo ar, cortando o peito do chacal, que a diferença entre o tempo de reação deles estava ficando desconfortavelmente cada vez mais curta e não era porque Derek estivesse diminuindo a velocidade.

Na frente dele, a pele humana do gato se rasgou. A cascata de feromônios atingiu Derek, a torrente química de magia que sinalizava a mudança de humano para animal. O gato saltou de volta, ganhando tempo enquanto seu corpo se mudava, ossos crescendo, músculos novos cobrindo os já existentes, membros maiores e mais grossos e pêlos dourados brotando sobre ele, sua pelagem tinha densas manchas escuras. Um leopardo. Essa é a razão do sorriso arrogante. Um gato grande contra um lobo era geralmente uma batalha perdida para o lobo. Especialmente um gato grande que poderia manter a forma de guerreiro, uma mistura de animal e humano.

O metamorfo leopardo pousou em grandes patas com as garras para fora, pesadas. Grandes mandíbulas abertas. Pelo menos setenta quilos a mais, e esse peso era só de músculos e ossos. Porém sua posição de ataque era estúpida, braços para fora. Muito pouco ou nenhum treinamento. Provavelmente dependia de sua força, velocidade e tamanho. Essas coisas não seriam o suficiente desta vez.

Ele estava dentro de seus direitos de matar o leopardo. Derek pertencia a Curran, que se retirou formalmente do Bando, levando seu pessoal com ele, o que o colocou fora da estrutura do Bando. Derek não tinha posição dentro da hierarquia do Bando. A única coisa que ele possuía para ser desafiado era a sua vida, e a lei do Bando dizia que ele poderia acabar com seu atacante sem medo de retaliação.

O gato bateu nele. Derek se abaixou sob o ataque, mas as garras roçaram seu ombro em um lampejo ardente de dor. O cheiro

de seu próprio sangue o chicoteou. *Bastardo rápido*. Derek esculpiu um longo corte nas costelas do gato enquanto ele se arremessava para baixo, girou e afundou um chute forte na parte de trás do gato. A coluna do gato rangeu. O leopardo saltou e se virou, olhos dourados brilhando.

Se ele matasse o leopardo, a relação entre os recém-chegados e o Bando ficaria tensa. Jim ficaria chateado. Derek precisava pensar por alguns segundos para decidir se dava a mínima para isso.

À esquerda, o chagal se lançou em um salto espetacular, mirando Julie em seu cavalo. Ele se arremessou no ar, olhos arregalados, boca aberta. Ela jogou um punhado de pó amarelo no rosto dele. O cheiro de *acônito*<sup>12</sup> exalou na rua. Seus olhos lacrimejaram. O chagal caiu no chão.

O gato saltou para Derek, indo para o alto com as garras da pata direita levantadas para a matança. Quando se estar no ar, não há como mudar de direção.

Derek soltou a faca, deu um passo para a esquerda, agarrou o antebraço direito do gato com a mão direita enquanto o metamorfo leopardo voava, e levou a mão esquerda até a coxa direita do gato, canalizando toda a força e impulso do salto do leopardo. O gato praticamente se virou. As costas do metamorfo leopardo bateram no chão. O ar explodiu dos pulmões do gato. Derek se abaixou, pegou a faca do chão e enterrou-a no intestino do felino. Um odor azedo entrou em suas narinas.

O leopardo rosnou e bateu nele. As garras grandes rasgaram o seu peito, rasgando sua camiseta. Derek se libertou. O gato se levantou rapidamente e se transformou em um redemoinho de garras. Derek se esquivou, afastando-se, sentido em cada movimento seu ombro arder. O leopardo o perseguiu, olhos enlouquecidos e pupilas tão dilatadas que o dourado de suas íris encolhera para um anel fino. Quando os gatos atacavam dessa forma, não havia muito o que fazer contra eles. Só restava bloquear o que podia até conseguir uma distância segura.

— *Eu vou matar você!* —O gato uivou.

Falar em forma de guerreiro indicava verdadeiro talento. *Então era por isso que o pequeno grupo foi autorizado a entrar no Bando.* Jim tinha planos para o leopardo.

Um corte. O gato estava atacando-o descontroladamente, sua reação aguçada pela ferida no estômago. Derek também tinha sido assim anos atrás, até aprender a sentir a dor sem alimentar sua raiva.

Se ele matasse o felino, Jim ficaria chateado, porém mais importante, Curran lamentaria o desperdício de talento. O Bando ainda era importante para Curran, mesmo que ele negasse isso.

Outro corte feriu o ombro esquerdo de Derek. O gato tinha pouco treinamento, mas bons instintos. O problema com os instintos é que eles podem ser usados contra você.

Derek rolou de costas, dobrando os joelhos e levantando os pés. O leopardo o atacou sem pensar, reagindo o adversário deitado no chão. Derek chutou, batendo os pés no estômago peludo do gato, reabrindo o corte recém-fechado. O grande metamorfo passou por cima de sua cabeça. Derek virou-se de bruços e agachou-se, o movimento praticado tantas vezes que ele nem precisou pensar nisso.

O gato estava lutando para ficar de pé. Ele era rápido, mas ninguém lhe ensinara a cair. Custou-lhe um precioso meio segundo.

Você poderia fazer muito com meio segundo. Derek girou, captando energia e deu um chute na cabeça do leopardo quando o felino finalmente se levantou. Sua perna conectou-se, os poderosos músculos de sua coxa entregando centenas de quilos de força ao ouvido e a têmpora do leopardo. O chute teria estourado o *tímpano*<sup>13</sup> e rachado o crânio de um humano, causando uma *concussão*<sup>14</sup> incapacitante.

O leopardo balançou lentamente, ainda tentando atacar.

Derek se lançou para a frente, desviou das garras e segurou com sua mão direita o ombro esquerdo do leopardo, empurrando-o para trás ao mesmo tempo que chutava as panturrilhas do leopardo. O grande gato desabou batendo a cabeça na calçada. Derek seguiu martelando socos no rosto do felino. Um, dois, três. Socava a cabeça do leopardo com a força de golpes que quebraria bastões de baseball.

Quatro, cinco, seis.

— Você vai matá-lo. —Avisou Julie.

— Não. —*Mas o garoto não sorria para nenhuma garota nos próximos três meses.*

— Derek?

— Sim? —*Só mais um.*

De repente, ele percebeu que ela estava ao lado dele. Algemas de metal pendiam em sua vista.

O corpo do metamorfo leopardo se moveu. O pêlo se transformou em pele humana. Seu rosto parecia um hambúrguer cru. De manhã a pele estaria cicatrizada. A mandíbula quebrada e os três dentes que o felino havia perdido levariam alguns meses para curar e voltar a crescer.

Julie sacudiu as algemas na frente dele.

— Bem.

Derek pegou as algemas, virou o gato de bruços, puxou os braços e prendeu os pulsos que agora estavam na forma humana. As algemas eram uma versão para metamorfos: *a parte interna das algemas estava cravada com pontas de prata.* Se o metamorfo tentasse arrebentar a corrente, puxando as algemas, as pontas penetrariam na pele. Prata queimava como fogo. Ele tinha certeza de que o gato iria ficar parado.

Derek virou o pescoço. O chacal estava deitado de costas em uma poça de seu próprio sangue, amarrado como um porco, pulsos e tornozelos amarrados juntos. A ferida no peito parecia profunda,

mas Julie era uma sem coração. Conhecendo-a da maneira como ele a conhecia, ela fez de propósito. Porém o metamorfo chacal curaria.

Derek virou a cabeça e olhou para o lobo restante. Ele sabia que seus próprios olhos brilhavam, refletindo o luar.

— Nós estávamos em um bar, —disse o lobo. — Eli e Nathan são novos na cidade, então os levei para o bar Cavalo de Aço. Um cara veio até nós e perguntou se queríamos ganhar uns quinhentos dólares.

*Ninguém ganhava quinhentos dólares tão fácil assim, especialmente em Atlanta depois de escurecer.*

— Ele nos deu o endereço desta casa. Nós deveríamos entrar e farejar uma pedra. —O lobo ergueu as mãos, segurando-as separadas, os dedos quase se tocando. — Ele nos disse que era importante, a pedra brilha ao luar. Entramos na casa e cheiramos o sangue. Estávamos tentando decidir o que fazer quando você apareceu.

— Quatro horas atrás, alguém matou a família humana que morava nessa casa por causa dessa pedra, —disse Derek. — Marido, esposa, duas crianças.

— Eu não sabia, —disse o lobo, sua voz implorando. — Eu juro que não sabia. Você precisa acreditar em mim.

Julie olhou para a casa. — É a casa dos Ives?

Ele esperava que Julie não reconhecesse a casa, mas ela veio aqui há duas semanas, comprar uma faca com Kate. Ele assentiu. Não havia mais nada a fazer.

Seus olhos se arregalaram. — Todos eles?

Ele assentiu novamente.

Ela apertou a mão sobre a boca. Derek colocou os braços em volta dela antes que percebesse que tinha feito isso. Ela enfiou o rosto na camisa rasgada dele.

Derek a abraçou gentilmente e desejou que pudesse poupá-la disso.

O mundo era um lugar fodido. Uma garota como Julie não deveria conhecer pessoas que foram violentamente assassinadas. Mesmo ele não deveria conhecê-las. Em vez disso, os dois estavam agora em frente a um massacre. Ele matou cinco pessoas hoje à noite e ela abriu o peito de um homem com um tomahawk.

— O que você deveria fazer com a pedra? —Ele perguntou, ainda segurando Julie.

— Levá-la para Pillar Rock, —disse o lobo. — O que você quer que eu faça?

— Desça esta rua até encontrar um *Manticora*<sup>15</sup>. Vire à esquerda, ande dois quarteirões. Você verá um prédio branco com um telhado verde. Essa é a casa segura do Bando para essa região da cidade. Diga a eles o que aconteceu e chame sua alfa.

— Devo chamar os alfas deles também? —Perguntou ele.

— Não. Apenas chame Desandra. Ela vai lidar com isso. Diga a ela que considero o assunto encerrado. —Conhecendo Desandra, ela iria apreciar informar aos outros alfas que os novos membros criaram problemas.

O lobo expirou, virou-se e correu pela rua a oitenta quilômetros por hora. Em dez minutos, a equipe de coleta iria enxamear a área.

Julie se afastou dele. Seus olhos estavam vermelhos. Ela nunca soluçava quando chorava. Costumava fazer, mas algo aconteceu no ano passado e agora ela chorava assim, sem se mover ou fazer um som. Isso não era nada bom.

— Ei, —disse ele.

— Ei. —Ela enxugou os olhos com as costas da mão. — Você descobriu quem matou os Ives?

Ele assentiu novamente.

— Estão mortos?

— Sim.

— Bom. —Disse ela com uma súbita maldade em sua voz. Ela se esquivou dele e entrou na casa.

Derek sabia que isso seria toda a tristeza que Julie demonstraria. Ele a viu passar por coisas assim antes.

Julie passara três anos na rua onde as pessoas viviam de acordo com regras muito parecidas com as da selva: *nunca mostre uma fraqueza, nunca mostre dor, os vulneráveis são devorados*. E elas costumam aprender essas lições muito rapidamente. Julie iria desabafar mais tarde quando estivesse sozinha, mas nem ele nem ninguém veria.

A fita amarela usada para delimitar cenas de crimes era muito cara para ser produzida em um mundo que odiava fábricas e plásticos, e os policiais raramente a usavam. Um único adesivo branco estava na porta e na moldura, trancando a entrada da casa e os metamorfos já haviam arrancado. A porta estava bem aberta e ela entrou. Ele a seguiu.

Antes da Mudança, a perícia de uma cena de assassinato poderia levar dias. Agora demorava três horas porque os assassinatos eram abundantes e os policiais precisavam se dividir. E três horas era todo o tempo que podiam dar a uma cena.

Julie foi direto para a estante embutida na sala de estar, tirou vários livros da estante e colocou-os no chão. Atrás dos livros, uma única fenda estreita indicava um nicho oculto. Ela bateu com as pontas dos dedos na parede e uma pequena parte caiu para frente, revelando uma abertura escura e uma caixa de plástico dentro. Julie puxou e abriu a tampa.

Eles olharam para a pedra. Um pouco maior do que uma bola de beisebol, lembrava a *pirita*<sup>16</sup>, ouro de tolo, exceto que era branco-azulado e brilhava suavemente com uma luz fria e sem graça. A maior parte era arredondada, mas de um lado a pedra terminava abruptamente, como se tivesse se partido. Os pêlos na nuca dele ficaram em pé. Ele não conseguia explicar o porquê, mas algo sobre essa pedra o deixou cauteloso. Se ele estivesse em sua

forma de lobo, teria cuidadosamente desviado as suas patas e deixado onde estava.

— Você vê alguma coisa?

Julie franziu a testa. Sensitivos como ela veem a magia em uma variedade de cores, algo que tentaram reproduzir artificialmente construindo m-scanners.

— Brilho azul muito claro e prateado.

— Divino? —Objetos e criaturas com magia divina brilhavam prateados.

— Não, não é divino. Branco e azul. Tipo diferente de branco.

— Que magia registra esse tipo branco?

— Magia elementar. —Ela olhou para ele, seus olhos sem foco.

— Eles mataram os Ives por isso?

— Sim.

Ela balançou a cabeça e olhou para a pedra. — O que você é?

Ele meio que esperava que a pedra respondesse, mas a pedra permaneceu em silêncio, brilhando suavemente.

— O que você está fazendo aqui? —Ele perguntou a ela.

— Alguém atacou Luther, —disse ela.

— Luther? O mago dos Riscos Biológico?

— Sim. Kate saiu com Curran, então atendi. Eles não o mataram provavelmente porque sabiam que ele trabalhava para os Riscos Biológicos, e não queriam um grupo de magos caçando-os, então o acertaram na cabeça quando ele estava saindo de seu carro. Luther não se lembra disso. Se lembra somente de estar no estacionamento e depois acordar no chão com uma dor de cabeça e ensanguentado. Nessa mesma tarde mais cedo, alguém lhe trouxe uma pedra. Eles disseram a ele que ela caiu do céu e brilhava sob o luar e queriam mil dólares pela pedra. A magia foi embora quando a rocha chegou a Luther e por isso ele conseguiu barganhá-la por trezentos dólares. Luther tentou retirar uma amostra para analisá-la, mas não

conseguiu cortá-la em seu laboratório, nada funcionou, então a levou para o Colégio de Magos, onde conseguiram cortar um pequeno pedaço dela. Ele estava trazendo a pedra de volta ao Riscos Biológicos quando foi atacado.

Ela enfiou a mão no bolso do shorts e tirou um pequeno frasco de plástico. No interior, uma pequena migalha da pedra brilhava. — Luther teve uma concussão, então não pôde procurar pela pedra roubada. Ele também não quis pedir ajuda a seus colegas porque perguntariam por que diabos ele havia tirado uma pedra mágica do prédio dos Riscos Biológicos.

Ele sabia que Julie não disse a Luther que seria ela a única a fazer esse trabalho. Muito provavelmente Luther pensou que Kate resolveria isso. Derek teria feito o mesmo em seu lugar. *Por que preocupar o cliente com esses detalhes? Contanto que o trabalho seja feito, não importa quem o faz.*

— Então eu fui para o lugar onde a pedra foi encontrada, subi o prédio e esperei a magia vir. — Ela bateu no recipiente. — A magia da pedra brilha como uma pequena estrela. Se souber o que procurar, pode vê-la a quilômetros de distância.

O que significava que se Caleb pudesse ver, ele saberia exatamente onde eles estavam o tempo todo. — Qualquer maneira de esconder isso?

Ela balançou a cabeça. — É magia, Derek. Eu vi através das paredes da casa. Sua vez. Por que está aqui?

Derek começou contando a partir do telefonema que Curran recebeu de Hope, a irmã de Melissa Ives, que estava desesperada, chorando histericamente, ela estava ligando da casa dos Ives. Curran e Kate patrocinaram a loja dessa família. Era um fato bem conhecido e quando Hope encontrou os corpos, ligou para o 911 primeiro e depois para Curran. Curran, por sua vez, ligara para Derek. Suas ordens foram simples: *Encontre as pessoas responsáveis e certifique-se de que nunca mais façam isso.* Como exatamente ele faria isso, dependia dele. Derek fez questão de que a irmã de Melissa Ives assinasse o contrato, contratando a empresa

de investigação de Kate e Curram, e a ele para investigar o assassinato. O contrato o daria uma cobertura de autodefesa em tudo que precisasse fazer na busca da investigação. Depois de falar com o detetive encarregado na cena, duvidava que precisasse dessa garantia, mas Kate gostava de manter os negócios dentro da legalidade e Derek respeitava os desejos dela.

Derek deixou de fora os detalhes de como encontrou os corpos da família, mas contou a ela sobre Caleb Adams, a pedra que se quebrou em três partes e os homens mortos no bar. O rosto de Julie ficava cada vez mais tenso enquanto ele falava.

— Eu odeio as pessoas, —disse ela quando ele terminou.

Ele não era fã de pessoas também.

— O que isso faz? —Ele perguntou, olhando para a pedra.

— Eu não sei.

Fosse o que fosse, as pessoas estavam dispostas a matar por isso. Os rumos da missão mudaram, ele decidiu. Ainda puniria Adams por matar os Ives, mas teria que recuperar os restos da pedra também. Deixar os fragmentos dessa pedra livre por aí era algo muito perigoso.

Um leve barulho veio do lado de fora. Ele inalou. Patrícia, um dos agentes metamorfos de Jim, Nicolas, e dois outros cujos cheiros conhecia bem. Eles vieram para pegar os feridos e certamente sentiram o cheiro dele e de Julie também. Se tiverem alguma dúvida, os procurariam.

Julie inclinou a cabeça, dando-lhe um olhar avaliador. — Então, Pillar Rock ou Caleb Adams?

Ela não desistiria desse caso e ele não era tolo o suficiente para tentar convencê-la do contrário. Quando Julie se responsabilizava por um caso, era como um lobo com um osso. Um cão desistiria de um osso por seu dono, um lobo não desistiria por ninguém. Julie podia ver a magia da pedra e Derek não podia. Eles poderiam trabalhar juntos e resolver esse caso mais rápido e seguro ou poderia tentar ir sozinho. A última opção não daria certo, ele ficaria

se perguntando onde Julie estaria e o que estaria fazendo o tempo todo.

— Pillar Rock, —disse ele. — Nós sabemos onde provavelmente Caleb está. Sabemos que teremos que ir vê-lo em algum momento esta noite.

— Ele e sua gangue de capangas que pensam que são fortes e maus. —Os olhos de Julie se estreitaram. — Devemos ter uma conversinha com eles sobre os Ives.

— Nós vamos. —Ele prometeu. — Não sabemos quem está no Pillar Rock. Talvez seja uma terceira pessoa envolvida com tudo isso.

— Talvez seja Caleb. —Julie sorriu.

— Se tivermos sorte.

Eles se entreolharam. Naquele momento, sabia que os dois estavam pensando exatamente a mesma coisa. Caleb Adams não conhecia a família Ives, mas antes que a noite acabasse, ele iria se arrepender das mortes. Iria se arrepender mais do que qualquer coisa que já tinha se arrependido em sua vida.

## Capítulo 2

PILLAR ROCK FICAVA BEM NO MEIO das ruínas de *North DeKalb Mall*<sup>17</sup>, a pouco mais de oito quilômetros de distância. Derek poderia correr em meia hora mesmo carregando Julie, o que seria mais rápido do que o cavalo dela abrindo caminho pelas ruas traiçoeiramente degradadas, mas *Amendoim* tinha que vir junto e ele trotava a cerca de oito quilômetros por hora. De vez quando aumentava o ritmo em uma corrida leve.

Derek comentou com ela mais cedo que o cavalo não era nem marrom e nem cor de amendoim, então esse nome não o descrevia de forma alguma e ela lhe disse que era por isso que o cavalo se chamava assim. Ele desistiu de entender a lógica disso. Algumas coisas você simplesmente aceita da mesma forma que se aceita o

nascer do sol ou o frio do inverno. Chamavam isso de fatalismo de lobo, mas na realidade era somente bom senso.

A lua iluminou o caminho deles. O lado norte da cidade lutava uma batalha interminável com a invasão selvagem da floresta. Em algumas ruas, o pavimento havia se desgastado, rendendo-se ao crescimento das plantas, mas a *Rodovia Norte Druid Hills*<sup>18</sup> ainda estava um pouco livre do mato. Aqui e ali um carro enferrujado perfurava as ervas daninhas da primavera, empurrava ou saía da estrada apenas o suficiente para não bloquear o caminho. As árvores cresciam grossas na beira da estrada, seus galhos enormes sombreando-a, pintando-a em manchas de sombra e luz. Atrás das árvores casas se escondiam, a maioria ainda ocupada. Quanto mais perto chegassem do North DeKalb Mall, menos casas seriam ocupadas. A floresta agora era assustadora para a maioria dos humanos. Eles buscavam segurança nos lugares povoados, migrando para o centro da cidade.

A floresta nunca o incomodou. Ele a amava.

Se perguntou se Julie gostava disso também. Nunca perguntou a ela.

Ele se perguntava sobre muitas coisas sobre as quais nunca falava, na maioria das vezes não havia necessidade de perguntas. Derek conseguiria suas respostas se esperasse tempo suficiente. No entanto, Julie havia dito algo que exigia um esclarecimento.

— *Arauto?* —Ele perguntou. Nunca tinha ouvido Kate usar o termo.

— Esse é um título oficial, —disse ela. — Antes de alguém se tornar um Senhor da Guerra, deve-se ser um Arauto. Isso é o que Hugh d'Ambray era antes de se tornar o Preceptor dos Cães de Ferro.

*Hugh d'Ambray.* O nome arrepiou os pêlos nas costas.

Derek lutou para manter o rosnado fora de sua voz. — Eu não sabia que Kate precisava de um Senhor da Guerra.

— Ela não precisa. Ela tem Curran. Ele é seu Consorte e seu General.

Sua mente lutou por alguns segundos. Esses termos eram antigamente usados de forma invertida. Para ele, Curran era o Senhor das Feras, agora ex-Senhor das Feras e Kate era sua Consorte. Esse era o seu título oficial e Kate o odiava. Ela nunca se referiria a Curran como o seu Consorte. Derek sabia de onde esses termos estavam vindo e não gostava nada disso.

— Você está falando com 'ele' de novo.

Ela não disse nada, seu olhar fixo na rua à frente.

*Droga.* — Por que diabos você continua falando com ele?

— Porque Roland me ensina coisas.

— O que ele poderia ensinar a você? Como ser uma idiota megalomaniaca imortal que mata seus próprios filhos? Isso é uma ótima lição.

— Ele me ensina magia. —Ela olhou para ele.

— Fique longe dele. Ele é perigoso.

Ela abriu os olhos bem abertos e piscou para ele. — Sério? Você acha mesmo? Eu não fazia ideia.

Ele controlou outro grunhido. — Você não precisa falar com ele. Nada de bom virá disso.

— Não, você está certo. Está totalmente certo. Não vamos falar com o inimigo que em algum momento precisaremos combater. — Ela encolheu os ombros estreitos. — Não vamos tentar descobrir como ele pensa ou que armas pode usar. Honestamente, Derek? Você trabalhou para Jim como espião por anos, não posso acreditar que pense assim.

— acredite.

— Já sei! —Ela bateu as palmas juntas. — Talvez pudéssemos todos ir para a batalha de olhos vendados.

Ele teve um desejo de tirá-la do cavalo e sacudi-la até que algum sentido aparecesse em seu cérebro.

— Eu posso costurar uma atraente venda cinza com algumas pequenas listras ...

— Ele é um tirano homicida que está vivo há cinco mil anos! — Derek rosnou.

— Seis. Provavelmente um pouco mais, mas ele só admite seis.

— Honestamente acha que ele vai deixá-la ver qualquer coisa que ele não quer que você veja?

— Há coisas que ele não pode esconder de mim. Coisas que só eu posso ver. —Ela se inclinou para frente. — Ele está me ensinando e isso significa que estou aprendendo como ele pensa. Alguém tem que falar com ele, Derek. Kate não vai. Sobra para mim esse propósito. Eu estou aprendendo. Posso fazer meus próprios encantamentos agora. Sei como construí-los e infundi-los com poder. Isso é algo que Kate não sabe como fazer.

— Encantamentos? —Ela estava fora de si. — Você usou algum em uma luta de verdade?

— Ainda não. É perigoso.

— Então ele está ensinando algo que pode ou não funcionar.

Ela olhou para ele. — Vai funcionar. Ainda não usei porque é preciso muita magia. É meu último recurso e eu ainda não precisei usá-la.

— Kate não precisa de encantamento. Ela usa palavras de poder. —Ele não tinha ideia de como elas funcionavam. Sabia apenas que elas vinham de uma língua antiga e comandavam a magia.

— Isso é o que você pensa, —disse Julie.

— Vou lhe dizer o que eu penso: *Ele está te ensinando para usá-la em alguma coisa.*

— Você não acha que sei disso?

— Okay. —Ele se virou e começou a caminhar de costas, olhando para ela. — Diga-me uma coisa que você aprendeu que não sabemos. Uma coisa. Vai.

— Certo. Sabe o que ele fez com o Hugh d'Ambray?

— Ele o exilou. Deveria tê-lo matado e nos poupado do problema.

— Não. —Julie disse baixinho. — Ele o expurgou.

— O que significa isso?

— Tirou sua imortalidade. Roland foi tudo para Hugh. Pai, mãe, professor. Deus. Durante sessenta anos, desde criança, Hugh fez tudo o que Roland o mandou fazer, exatamente como lhe era ordenado. Toda a sua vida ele tentou deixar Roland orgulhoso. E Roland o expurgou. Ele tirou o presente de sua magia e cortou todos os laços mágicos entre eles. Hugh não sente mais Roland, Derek.

— E?

— Quando Deus remove toda a sua presença da vida de um homem, isso é o próprio inferno. —Ela citou. — Hugh está no inferno. Ele envelhecerá lentamente e saberá que eventualmente irá morrer.

— Bom. —Derek não sentia nenhuma piedade por Hugh. Hugh tentou matar Kate, fez o melhor que pôde para assassinar Curran, quase começou uma guerra entre a Nação e seus vampiros e o Bando, e ele sequestrou Kate e quase a matou de fome. Tudo isso para tentar forçá-la a se encontrar com seu pai. A lista de transgressões do homem tinha um quilômetro e meio de comprimento e Derek ficaria feliz em receber um pagamento em sangue por cada uma delas.

*Se Hugh saísse das sombras agora, apenas um deles sairia desta rua.*

— Teria sido mais misericordioso matá-lo, —disse Julie.

— Por que você está tão preocupada com Hugh?

— Pense nisso, —disse ela, com a voz aguda. — Você chegará a uma conclusão.

Ele refletiu sobre isso. Ela estava certa. Agora entendia. — Você não é Hugh.

— Eu sou. Estou ligado a Kate pelo mesmo ritual que Roland estava ligado a Hugh.

— Você não é Hugh e Kate não é Roland.

Julie se virou na sela e apontou para o noroeste. — Eu posso senti-la. Ela está ali.

Ele tentou não mentir para ela, então disse a primeira coisa que surgiu em sua cabeça. — Isso é assustador.

— É sim. —Ela colocou o peso do mundo nessas duas palavras.

— Mas assustador ou não, você sabe que Kate nunca faria o que Roland fez com Hugh. Roland nunca amou Hugh. Kate a ama. Você é filha dela.

Ela suspirou. — Eu sei que ela me ama. É por isso que estou preocupada. Derek, Kate ainda não me disse que eu não posso recusar suas ordens.

Alarme correu por sua espinha. Ele não percebeu que ela sabia. — Há quanto tempo você sabe?

— Roland me disse meses atrás, —disse ela.

— Ela não te contou porque tem medo de magoá-la.

— Eu sei, —disse ela. — Ela tenta não me dar ordens. Começa a dizer alguma coisa, da forma como toda mãe diz, de repente para e então percebo que ela está reformulando as palavras em sua cabeça. É engraçado. Em vez de *'Pare de roubar a cerveja de Curran na geladeira e lave a louça'* ela diz: *'Eu ficaria muito mais feliz se parasse de roubar a cerveja de Curran'* e *'Seria ótimo se lavasse a louça'*. Provavelmente ela acha que é sutil sobre isso. Não é.

Ele não via nada engraçado sobre isso. — O que você vai fazer?

— Não é um problema agora, —disse ela.

— E se isso se tornar um problema?

— Farei algo.

Ele não gostou do tom disso. — Ainda assim, você deveria parar de falar com Roland.

Ela endireitou-se. — Você vai parar de mandar em mim?

— Pare de fazer merda e eu vou parar.

Seus olhos se estreitaram. — Coma a bunda do meu cavalo.

*Eca! Não, obrigado.* — O que foi? Recebeu visita de Desandra recentemente?

— Eu não preciso de Desandra para me ensinar insultos. E que diabos foi aquilo com os comentários sobre o que estou vestindo? Não há nada de errado com esses shorts.

— Você não tem calças jeans?

— Eu tenho.

— Deveria usá-las.

— Por quê? A visão das minhas pernas está te perturbando, Derek? —Ela parou Amendoim e enfiou a perna esquerda na frente dele. — Há algo de errado com minhas pernas?

Não havia nada de errado com as pernas dela. Elas eram pálidas e esbeltas e homens as notavam. Ele não iria notá-las por várias razões, começando com o fato de que ela tinha dezesseis anos e ele tinha vinte anos. Ele desviou da perna dela. — Quanto mais proteção entre sua pele e as garras de alguma coisa, melhor.

— Eu capturei um homem-chacal. Não fui a única a sangrar.

— Eu não estou sangrando.

— Você está e há um corte no seu capuz onde ele pegou o seu ombro.

Ele olhou para ela.

— Eu não deveria ter mencionado isso? —Ela colocou a mão no peito. — Sinto muito, Senhor Lobo.

— Em algumas horas eu vou me curar. Você não. Se você for cortada pelas garras de um gato, sangrará a menos que trate a ferida. Isso te deixará fraca. Horas depois, seu ferimento pode abrir novamente se fizer um movimento brusco. Gatos são animais sujos e carregam todo tipo de merda nas garras. Você poderia morrer de uma infecção.

Eles fizeram uma curva à direita na Rodovia Birch. À esquerda, a ruína do shopping apareceu. Na época que o shopping funcionava, uma estreita faixa de gramado o rodeava pontilhado por árvores ornamentais. Agora as árvores haviam crescido e arbustos espinhosos brotavam entre os troncos, formando uma versão natural de uma cerca de arame farpado e oferecendo apenas vislumbres do shopping. A maioria de seus edifícios há muito se desintegrou virando pó e as chuvas haviam o levado embora, somente placas de fachadas aqui e ali restavam do shopping center. Ele leu os nomes nas placas: *Burlington Coat Factory*<sup>19</sup>, *loja de calçados PayLess*<sup>20</sup>, *Ross*<sup>21</sup> ... Elas não significavam nada para ele.

— Você já disse essa sua opinião sobre os gatos para Curran? — Julie perguntou. — Ou os metamorfos leões são um pouco menos sujos do que outros gatos?

Ele se recusava a morder a isca. — Um ferimento que é um pequeno inconveniente para mim pode ser uma sentença de morte para você.

Julie suspirou. — Você realmente acha que se um metamorfo leopardo me atacar o jeans me protegeria? Roupas não têm poderes mágicos, Derek. Eles não protegem misticamente de garras de quase oito centímetros de comprimento, de estupradores ou assassinos. Se alguém com garras decidir atacar alguém, o farão, quer se tenha ou não uma fina camada de *denim*<sup>22</sup> em sua pele. Relaxe.

— É melhor que nada.

Ela estreitou os olhos parecendo maliciosa. Ele se preparou.

— Eu vi uma foto de Hugh quando ele tinha a sua idade, —disse ela.

— *Hum.*

— Hugh era muito sexy.

Sua reação deve ter aparecido em seu rosto porque ela jogou a cabeça para trás e riu.



A ESTRADA SE CURVAVA SUAVEMENTE. Eles continuaram fazendo a curva, até a entrada da Orion Drive. Aqui, nenhuma árvore escondia o shopping e a vista era aberta. Ele parou. Ao lado dele, Julie saltou do cavalo, amarrou Amendoim a uma árvore e pegou uma mochila de pano entre os *alforjes*<sup>23</sup>, pendurando-a sobre o ombro esquerdo.

O estacionamento desenrolou-se diante deles com cerca de quatrocentos e cinquenta metros de largura e provavelmente pouco mais de seiscentos metros de comprimento. Buracos irregulares marcavam o asfalto, cada um transbordando de água lamacenta. Não havia como dizer o quão profundo eles eram. Um fino nevoeiro pairava acima da água e, em suas profundezas lamacentas, minúsculas luzes verdes flutuavam tremulavam estranhamente. No centro de tudo isso, um *pilar de rocha cinza escura*<sup>24</sup> projetava-se em um ângulo de quarenta graus como uma agulha gigante que havia sido descuidadamente empurrada no chão do estacionamento. Áspera e escura, com seis metros de largura na base e afinando até uma extremidade superior estreita, o pilar se elevava a cerca de dez metros acima do chão do estacionamento. *Pillar Rock*. Eles teriam que atravessar o estacionamento para chegar até lá. Os três metamorfos idiotas foram orientados a encontrar o contato deles lá.

Derek inalou. Já havia sentido o cheiro de pântano antes, cheirava almiscarado e úmido, algas, peixes e grama em decomposição, esperando novas plantas crescerem a partir dela. O Pântano cheirava a vida. Este lugar cheirava a lama e água, mas

sem vida. Em vez disso, um leve cheiro fétido de algo sujo, podre e repulsivo deslizou até ele.

Julie ficou tensa e colocou a mão no tomahawk.

— O que você vê?

— Azul. —Ela disse.

Azul representava humano.

— Um feio azul desbotado, quase cinza. Este é um lugar ruim.

Ele deu alguns passos para trás e sentou-se no meio-fio. Ela se dirigiu ao matagal atrás dele. Derek ouviu o tomahawk cortar madeira. As folhas farfalharam e Julie lhe entregou um galho seco de dois metros de comprimento. Uma *bengala*<sup>25</sup>. Ele pegou e assentiu. *Boa ideia*. Julie desapareceu novamente, voltou com uma bengala para ela e sentou-se ao lado dele.

Eles esperaram em silêncio, observando, ouvindo. Minutos se passaram. A névoa se curvava acima da água escura e brilhava ao luar. Julie não se mexeu.

Alguns anos atrás, quando ele tinha apenas dezoito anos, Jim, na época chefe de segurança do bando, o colocou no comando de um pequeno grupo de crianças de doze a quinze anos que mostravam potencial para o trabalho de espões. De todas as coisas que Derek tentou ensinar a essas crianças, paciência foi a mais difícil. A essa altura, todos eles teriam se movimentado, suspirado ou feito algum barulho. Julie simplesmente esperou. Tudo era tão fácil com ela.

Eles viram ao mesmo tempo: *um breve lampejo de algo claro enquanto se movia dentro da sombra azul-escura da torre*. O cabelo na parte de trás do pescoço dele subiu. Alguém olhava para eles daquela sombra. Ele não podia ver claramente, mas sentiu o peso do olhar do desconhecido, saturado de malícia. Ele os olhava fixamente. Derek fingiu não notar. Mais cedo ou mais tarde, seja lá quem fosse, ficaria impaciente.

A névoa começou a diminuir, desaparecendo como se estivesse evaporando. Alguma coisa estava atraindo a nevoa para perto do pilar.

— Vai ficar enevoadado quando nos aproximarmos do pilar. —Ele disse baixinho.

— Sim. —Concordou Julie.

Não havia necessidade de dizer a ela para ficar ao lado dele. Derek sabia que Julie ficaria.

— Olhe para a direita, onde o tronco da árvore se divide. —Ela murmurou.

Levou um momento, mas finalmente viu: *os restos de um pequeno feixe seco de erva-de-passarinho<sup>26</sup> pendurado na árvore, amarrado com um cordão de couro.* Um pequeno medalhão de madeira pendia do cordão. Um druida esteve aqui, o reconheceu como um lugar do mal e tentou contê-lo.

— O feitiço está ativo? —Ele perguntou em voz baixa.

— Não. Não irradia magia. É uma Proteção de ligação e alguém a quebrou.

Magia e Proteções não eram suas áreas de conhecimento, tudo que sabia sobre essas coisas aprendeu com Kate. Uma Proteção de ligação significava que Proteções idênticas haviam sido colocadas ao redor do perímetro do shopping, formando um anel, cada Proteção era um elo de uma corrente. Se a ligação entre elas fosse cortada a corrente quebrava e a Proteção falhava.

Ela estremeceu. Ele sentiu o medo dela. Algo sobre esse lugar a assustava profundamente.

A névoa se espessou à direita, torcendo-se. Derek fingiu não ver a mulher que saiu dela. Ela tinha cerca de vinte e oito ou trinta anos, branca e muito pálida. Um vestido esfarrapado pendia de seus ombros, alguma vez esse vestido foi provavelmente azul ou verde, mas agora desbotava para um cinza sujo e úmido. Sua barriga estava inchada. Ou essa mulher estava com cerca de sete meses de

gravidez ou tinha acabado de devorar algo muito grande. Ela não cheirava estar grávida. Não usava sutiã e o tecido estava grudado em seus mamilos eretos, traçando os contornos dos seios. Seu cabelo loiro-claro caía abaixo de sua cintura, emoldurando seu rosto como uma cortina. Poderia ter sido um rosto bonito em algum momento, ele refletiu, com feições afiadas, mas delicadas, exceto que seus olhos estavam com muita fome.

A mulher andou até a beira do estacionamento e parou. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Estamos esperando encontrar alguém, —disse Julie.

— Este é um lugar perigoso. Venham comigo. Eu tenho comida.

Julie olhou para ele. Ele leu hesitação em seus olhos.

— Ela tem comida, —disse ele, mantendo a voz neutra.

— Então devemos ir.

— Venham comigo. —Repetiu a mulher, recuando. —Venham.

A mulher estava oferecendo alimento, se ele estivesse sozinho, provavelmente ela teria oferecido sexo. Ou os dois.

Ele entrou no estacionamento, movendo-se devagar, com cuidado, batendo com a bengala no chão antes de colocar os pés em algum lugar à sua frente. Julie seguia de perto. Com o canto do olho, ele viu a névoa levantar-se atrás deles, uma cortina leitosa e impenetrável.

— Venham. — A mulher repetiu, levando-os em direção à torre.

Ele continuou. A névoa estava rodando agora, densa e escura. A seguir, a guia deles foi para o lado e desapareceu. Ele estendeu a mão esquerda. Julie pegou, seus fortes e esbeltos dedos agarraram os dele. Ele esticou o braço para a frente, batendo a bengala no chão e no ar como um homem cego, escutando os barulhos. A bengala bateu na água. Derek bateu no chão até encontrar um pavimento sólido e cuidadosamente contornou o buraco, indo em direção a Pillar Rock. Continuou batendo, guiando-os entre os buracos. Passaram por outro. Então outro.

A bengala bateu na água novamente. Algo a agarrou. Ele recuou, puxando-a com todas as suas forças. A névoa se abriu e uma *Mulher-peixe*<sup>27</sup> pulou para ele da água. No momento em que sua mente registrou as longas garras, projetando-se das mãos com membranas escamosas entre elas e a enorme boca de peixe com dentes pontiagudos, seu corpo já havia se movido. Ele se esquivou, agarrou o braço dela e usou seu impulso para deslizar atrás da mulher, apertando-a contra ele, de costas para o peito dele e prendendo-lhe os braços. Julie se moveu, sua expressão concentrada, e enterrou a lâmina do seu machado de sete centímetros na parte esquerda do peito da criatura. O cheiro de sangue o atravessou como uma corrente elétrica.

A mulher agitou-se em seus braços, tentando alcançá-lo com suas garras. Ele se esforçou, mantendo-a imóvel. Derek poderia quebrar o pescoço dela, mas o medo ainda rolava de Julie. Ela precisava matá-la. No momento em que Julie matasse alguém, tudo se encaixaria.

Julie levantou o tomahawk e cortou o estômago inchado da mulher. A pele se abriu como se tivesse cortando o couro de um *odre*<sup>28</sup> cheio de água, e uma cabeça humana meio digerida, saiu de dentro. O fedor azedo da decomposição o encharcou e ele quase vomitou.

A Mulher-peixe se debateu, chutando. Julie se esquivou, tirou uma faca da bainha na cintura e enfiou a lâmina de quinze centímetros no peito da mulher. A lâmina afundou, ele ouviu um raspar de metal contra osso. A Mulher-peixe gritou, sua coluna ficou subitamente rígida, mas logo seu corpo amoleceu. A névoa ao redor deles ficou vermelha e fina, derretendo.

— O coração está do lado direito, —disse Julie.

Garras o agarraram por trás e o puxaram para dentro da água fria e lamacenta. Ele mergulhou.

Um corpo verde longo e pálido, mãos com garras estendidas, uma boca de peixe em uma cabeça humana aberta correu em sua

direção dentro da água cor de café. *Outra Mulher-peixe*. Uma luz branca explodiu em sua cabeça. A parte humana dele que controlava e restringia seus desejos e vontades rangeu e ele se soltou. Uma faca estava em sua mão e quando a coisa se aproximou, ele segurou com uma das mãos o lábio áspero e enfiou a faca na boca escancarada. Puxou a lâmina e a esfaqueou de novo e de novo, conduzindo a faca em um frenesi descontrolado. A coisa o arranhou. Ele ignorou as fortes dores e continuou esfaqueando. A lateral do corpo da Mulher-peixe se transformou em uma grande ferida aberta. Ela o empurrou, tentando desesperadamente se libertar, mas não havia como se esconder de sua faca ou da raiva ardente dentro dele.

Círculos nadaram diante de seus olhos. Percebeu que seu corpo estava o alertando da falta de oxigênio. A criatura flutuou flácida, o lado direito do peito um buraco ensanguentado. Ele enfiou a mão no buraco, sentiu o saco vazio do coração morto e o rasgou. *Nunca deixe nada inacabado*.

Seu peito doía como se uma faixa em brasa o apertasse. As primeiras pontadas de pânico por causa do afogamento raspam suas entranhas.

Mais formas escuras nadaram em sua direção. *Peixes*, ele percebeu. Estreitos e compridos, do tamanho de seus braços, com grandes bocas cravejadas de dentes, atacaram o corpo morto, devorando-o. Ele soltou o coração e nadou, se impulsionado para cima, rompendo a superfície. Respirou fundo, expandindo os pulmões. O ar tinha um gosto muito bom.

A três metros de distância, Julie girava como um *dervixe*<sup>29</sup>, seus tomahawk cortando. Ela bateu com a parte de trás do machado da mão esquerda sob o queixo de uma terceira Mulher-peixe. O golpe quebrou o queixo da mulher. Julie enterrou o machado da mão direita no peito da criatura. O sangue jorrou.

Ele saiu do buraco.

A Mulher-peixe atacou Julie. A garota se esquivou. As garras arranharam o ar a centímetros do nariz dela. Julie cortou o lado

direito da mulher com o machado da mão esquerda, rasgando as costelas da coisa. A criatura-peixe caiu de joelhos. Julie acertou o pescoço. Ele ouviu o aço fatiar através das vértebras. Soou doce.

A fina névoa ficou vermelha e subiu novamente.

Uma sombra apareceu atrás de Julie, saindo em disparada do nevoeiro em direção a ela. Ele correu, pegando impulso e saltou sobre Julie e a quarta Mulher-peixe. Ele atacou a criatura, rasgando-a. Ela caiu como uma boneca de pano nas mãos dele e ele riu. Derek arrancou o braço dela puxando-o para fora do encaixe e fez o mesmo com a perna, pescoço e o outro braço da Mulher-peixe, feliz por finalmente liberar a raiva que mantinha cuidadosamente reprimida dentro dele.

Uma mão tocou seu ombro. — Eu entendo que isso é muito excitante, mas ela está morta. Nós matamos todo mundo.

Ele estalou os dentes para ela, rosnando, enquanto quebrava o antebraço da mulher com um estalo oco.

— *Dee-reek*, —disse ela, transformando seu nome em uma música. — Volte para mim.

*Ainda não.*

— Olhe para cima. —Ela sussurrou. — Olhe para cima!

Bem. Ele levantou o olhar. A lua olhou para ele, fria, calma, brilhante e serena. A lua tomou conta dele, afundando profundamente em sua alma, acalmando as velhas cicatrizes e fechando as novas enquanto rolava através dele. Ele sentiu a corrida quente da fúria recuar, soltou o corpo morto da Mulher-peixe e se levantou.

Ela entregou-lhe a sua faca. Ele deve ter deixado cair durante o salto para fora do buraco. O estacionamento se estendia diante deles e a névoa era uma mera neblina acima dos buracos escuros. Derek inalou profundamente e pegou um traço de sangue familiar.

— Quão ruim você está?

Ela levantou a blusa, expondo a lateral do tronco. Um longo arranhão marcava suas costelas, destacadas de vermelho e inchado.

Ele abriu a boca.

A água explodiu dos buracos, disparando como *gêiseres*<sup>30</sup> de água lamacenta. Julie tirou a mochila do chão. Ele agarrou a mão dela e correu para o pilar. Eles correram, ziguezagueando entre a água. Peixes monstruosos se agitava dentro da escuridão dos gêiseres. Água lamacenta perseguia-os, encharcando-os. Ele pegou Julie no colo e correu. Pillar Rock apareceu diante deles e Derek saltou em direção a uma pilastra. Escalou todo o caminho até o ápice do pilar e abaixou Julie ao lado dele no chão.

Abaixo deles, o estacionamento tornou-se um lago. Corpos longos e sinuosos se contorciam nas águas rasas, talvez alimentando-se dos cadáveres das Mulheres-peixes ou desorientados em pânico, não tinha certeza. Ele e Julie os observaram em silêncio.

— Parece que vamos ficar presos aqui por alguns minutos, — disse ela, em seguida, deu-lhe um olhar estranho.

— O que foi?

Ela levantou a mochila. — Eu tenho comida.

Ele riu.



NÃO IMPORTA A QUANTIDADE de vezes que Kate tentava convencê-lo de que ele era, acima de tudo, humano, mas Derek conhecia a própria natureza. Era um metamorfo. Nunca se esqueceu disso, e se tivesse, coisas como ver Julie estremecer enquanto passava pomada antibiótica sobre o arranhão dela o fazia lembrar. Raramente se lembrava de que ele era humano também, mas essa lembrança era muito frágil, quase como se fosse com outra pessoa. Entre essa frágil memória e a sua vida atual havia outras coisas que não queria se lembrar. Mas o fato de não querer lembrar, não significava que podia evitar que essas memórias acabassem surgindo em sua

mente. *As lembranças sempre surgem, mesmo quando não queremos.*

— Estou bem, —disse ela.

Ele desenrolou uma longa faixa pegajosa de bandagem adesiva e cuidadosamente colocou sobre sua pele. O unguento evitaria que o ferimento grudasse na roupa.

Suas costelas não estavam mais se destacando em sua pele. Derek se lembrava de quando Julie era muito magra, tão magra que ele se preocupava que a qualquer momento ela poderia se chocar acidentalmente em um poste de luz e quebrar algum osso.

Julie puxou a camisa de volta e vasculhou sua mochila. Um saco de plástico apareceu e uma segunda sacola dentro dele estava cheia de carne seca, um saco de nozes, granola e queijo. Sua boca se encheu de saliva. Derek havia queimado muitas calorias e agora estava faminto. Ela passou os sacos para ele. Julie sempre tinha comida. E sempre tomava o cuidado de embrulhá-la muito bem, por isso era difícil sentir o cheiro. Esses hábitos vieram do tempo em que Julie morou na rua.

Ele pegou um longo pedaço de carne seca e mastigou, deliciando-se com o gosto.

— Você não foi a Caçada novamente, —disse ela, pegando um pedaço de queijo e um biscoito.

As Caçadas mensais no Bosque, uma grande floresta que se estendia ao norte de Atlanta, eram uma diversão agradável para a maioria dos metamorfos. Uma maneira de extravasar. Para ele, era uma necessidade. Ele precisava da floresta.

Sem isso, a raiva crescia muito rápido. Sempre estaria com ele. Curran dissera que não havia cura e ele estava certo. Era o preço que Derek pagou por não se transformar em loup como seu pai.

— Não fui, —disse ele.

— O que foi tão importante que te fez perder a Caçada?

Ele encolheu os ombros. — Trabalhos.

Ela mastigou seu sanduíche pequeno, tirando pequenas mordidas. Comia como um ser humano também, um metamorfo teria colocado tudo em sua boca e já estaria em seu terceiro sanduíche agora. Era um auto desafio, ele sabia. Julie comia devagar para provar a si mesma que podia, que havia comida suficiente e não precisava se apressar porque não estava morrendo de fome.

— Lobastis, —disse ela.

— *Hum?*

— As mulheres. Acho que elas eram lobastis. Sereias.

— Sereias? —De alguma forma, elas não pareciam sexys o suficiente.

— Sereias do mal, —disse ela. — Fiquei tão feliz quando a cabeça em decomposição saiu de dentro da barriga dela. Pensei que estava lutando contra uma criatura grávida. Se eu estiver certa, as sereias só atacam à noite.

— Faz sentido. O plano provavelmente era que aqueles idiotas recuperassem a pedra mágica e a trouxessem aqui. As sereias os matariam e então Caleb Adams viria de manhã, pegaria a pedra e iria para casa, com as mãos limpas.

— O metamorfo leopardo não sabe o quão sortudo ele foi.

*O metamorfo leopardo não se sentirá feliz quando acordar.*  
Derek riu baixinho.

Derek comia seu quarto pedaço de carne seca. A fome ardente em seu estômago estava diminuindo. Ele providenciaria comer um grande café da manhã quando terminassem com essa missão. Panquecas, linguiça e bacon, e então iria dormir ...

— Se descobrirmos por que os Ives morreram, eu vou fazer todo o bacon que você quiser.

Ele se assustou.

Julie encolheu os ombros e mordeu a carne que tinha preparado previamente. — Eu sempre posso dizer quando você está pensando em comida. Você se esquece de segurar a sua cara de lobo ranzinza

e fica com esse olhar sonhador em seus olhos. A maioria das pessoas pensaria que você estaria pensando em uma garota. Eles não têm ideia de que o nome da garota é bacon.

— Olhar sonhador?

— Sim, um olhar sonhador.

— Você está enganada sobre isso.

Derek deitou-se de costas e olhou para a lua, levou um outro pedaço de carne à boca e lentamente começou a mastigar.

— Obrigado pela comida.

— Por nada. Você costumava ser mais engraçado.

— Se quer piadas, fale com Ascanio. —Ele bocejou. — Ele é o engraçado.

— Talvez você precise de uma namorada.

— Eu deixei o meu Clã. Sabe o que isso faz de mim?

Ela suspirou e recitou: — Um lobo solitário?

— Lobos solitários não têm namoradas. —Ele colocou um pequeno grunhido em sua voz. As lesões em suas cordas vocais não precisavam se esforçar para transformar sua voz em um rosnado baixo de lobo. Usou esse rosnado algumas vezes para fazer os adversários repensarem seus planos de luta e começarem a procurar por uma rota de fuga. — Nós nos movemos pela cidade sem sermos vistos, nos materializamos no meio das sombras quando há problemas, resolvemos o problema e depois desaparecemos novamente para que outras pessoas possam fazer a limpeza da área.

Julie riu.

Ele sorriu para ela.

— Por que tudo é tão sombrio o tempo todo? —Ela perguntou.

Para algumas pessoas, as estrelas se alinhavam e tudo dava certo. Para ele tudo sempre deu errado. Quando ele queria alguma coisa, quando queria chegar a algum lugar, a vida o quebrou, mas de alguma forma sempre sobreviveu.

Tudo o que sempre quis foi ser uma criança nas *Montanhas Smoky*<sup>31</sup>. Seu pai virou *loup*. Ele assistiu seu pai torturar e estuprar sua mãe e suas irmãs até que finalmente ele conseguiu matar a coisa que seu pai havia se tornado. A casa pegou fogo. O seu destino era morrer naquele incêndio, mas ele sobreviveu.

Quando o Bando o encontrou, Derek cheirava como um *loup*. O Código do Bando dizia que ele deveria ter sido morto no local, mas Curran o salvou. Mais uma vez, ele sobreviveu.

Depois disso ele só queria ser um metamorfo comum, apenas um lobo, mas quando Curran finalmente o persuadiu a sair do poço escuro e profundo da sua mente, onde ele se enrolava e se escondia, era tarde demais. Ele era o lobo de Curran, mantido em um padrão mais elevado. Ele era ridicularizado. Caminhos normais dentro do Bando foram fechados para ele. Os Renders não o aceitaram, então ele foi trabalhar para Jim. Tinha um rosto expressivo. Podia entrar em uma sala, começar uma conversa com a garota mais bonita do local e ela falaria com ele e sorriria, e os olhos da garota brilhariam quando ele dissesse algo engraçado. Ele era bom em coletar informações e ganhou respeito fazendo isso, a contragosto no começo e depois merecido. Derek era bom em ser o espião de Jim. Eles o chamavam de '*o Rosto*'. Decidiu então que era isso. Isso era o que faria. Este era o seu lugar.

Foi quando conheceu Livie. Ela era linda, vulnerável e gentil. Estava presa. Precisava da ajuda dele. Ela disse que o amava. Derek tentou ajudar, mas terminou com metal fundido derramado em seu rosto. Ele sobreviveu novamente e foi atrás dela, colocando todos ao seu redor em risco. No final, eles a libertaram e o primeiro momento livre que ela teve, ela agradeceu, disse adeus e foi embora para nunca mais voltar. Ele também sobreviveu.

O seu rosto não era mais o mesmo. Derek ainda tinha as habilidades. Poderia ser espirituoso quando necessário, poderia ser encantador sem soar deprimente e sabia como levar as pessoas a se abrir e dizer-lhe coisas que normalmente mantinham para si. Porém,

seu rosto era uma barreira que ele não conseguia superar. Trabalhar para Jim não era mais uma opção.

Ele tentou outros trabalhos depois disso, mas nenhum deles lhe agradou, até que Curran e Kate se afastaram do Bando. Derek assinou seu contrato de separação meia hora depois que Curran assinou o contrato dele. Agora ele era o Lobo Cinzento da cidade, aquele que ia atrás daqueles que fodia e feriam as pessoas erradas. Ajudava aqueles que precisavam. Ficavam entre aqueles que foram feridos e aqueles que machucavam. Removia as ameaças e, logo seu nome, por si só, seria suficiente para impor o medo. Essa nova maneira de viver parecia se encaixar. Seu rosto combinava com ele agora, combinava como ele se sentia e correspondia ao papel que escolheu. Nunca mais seria engraçado, nada de piadas.

Havia outras coisas que às vezes desejava, mas essas coisas estavam fora de seu alcance. Ele se conformou. Tentar ter o que desejava lhe traria dor. Não havia necessidade de contar isso para ninguém. Explicar tudo isso seria muito longo e soaria melodramático demais.

— Tem algum queijo sobrando?

— *Suíço*<sup>32</sup>?

Ele franziu o nariz. *Suíço fedia.*

— Exigente, muito, muito exigente.

Ele gostava de todo tipo de queijo. Muçarela era seu preferido. Pegou um pedaço de queijo suíço e o segurou dentro da boca, provando-o na língua para ver se o sabor compensaria o cheiro. Não compensou.

Julie se inclinou. — A água está recuando. Mais meia hora e poderemos descer.

Uma sombra caiu do céu. Ele se lançou para frente, tirando Julie para fora do caminho. Uma rocha do tamanho de uma bola de basquete se espatifou no chão do pilar a um passo de suas pernas. Ele olhou para cima a tempo de ver uma sombra de um pássaro

preto bloqueando a lua e as garras do tamanho de uma foice apontadas para seu rosto. Derek pulou para a direita e para cima, socando o pássaro de lado. A ave chicoteou ao redor, enormes asas batendo, um enorme bico amarelo bateu sobre ele como um machado. Garras o rasgaram em um lampejo de dor cegante. Derek trancou a mão esquerda na garganta do pássaro, a sua mão direita na pata esquerda e puxou, tentando derrubar a enorme ave de rapina. A ave gritou, o som estridente quase o ensurdeceu.

Julie gritou atrás dele.

Ele olhou por cima do ombro. O pilar estava vazio. O medo o mordeu com dentes gelados. Ele olhou para cima e a viu pendurada em um segundo pássaro enorme, a oito metros de altura.

Derek atirou o pássaro para longe dele, afundando toda a sua força no arremesso.

Julie caiu.

O desespero o impeliu a um salto insano. Ele a pegou no meio do ar, o alívio disparando através de seu corpo enquanto seus braços se fechavam ao redor dela, e então se contorceu, tentando pousar no pilar. A rocha deu um soco em seus pés. Ele aterrissou com força, o choque reverberando por suas pernas, caindo para trás, tentando impedi-los de se arremessarem sobre a borda. Ela caiu sobre ele. Por um minúsculo momento, eles ficaram cara a cara e então Julie ficou em pé.

— A mochila!

Ele ficou de pé. Os dois pássaros subiam acima deles, desaparecendo no céu noturno. Ele forçou os olhos e viu a mochila de Julie pendurada nas garras do pássaro da direita.

— Eles têm a pedra! E a amostra! Droga. — Julie bateu com o pé em frustração no chão da pilastra. — Droga!

*Ela está viva*, disse a si mesmo. *Relaxe. Ela está viva.*

— Eles estão voando para o nordeste — disse ele. — Esse é o caminho oposto de Warren, a base de Adams. Você consegue ver

alguma coisa?

Julie se endireitou e caminhou até a borda da rocha, ficou a um centímetro de cair, olhando para a cidade como se procurasse por um barco à vela no horizonte em um oceano interminável. Ela virou-se devagar e apontou. — Lá.

— Outra pedra brilhante?

Ela assentiu.

Olhou para a direção que ela apontava e como imaginava não conseguiu ver nada. — Onde?

Ela apontou para o nordeste, na direção exata em que os pássaros voavam. — Talvez oito ou nove quilômetros.

Ele olhou na direção contrária. — O Warren está lá.

Ela se virou e olhou. — Não há nada ali. Ou os pássaros pertencem a Adams e então ele tirou a pedra de lá ou os pássaros pertencem a outra pessoa e Adams sabe como esconder sua pedra.

Ele procurou na cidade escura. — E você não viu isso antes?

— Não.

— Vamos dizer que eu sou Caleb. Eu quero a pedra brilhante, mas não gosto de sujar as minhas próprias mãos. Eu mando alguns idiotas para recuperar os dois pedaços da pedra. Eles capturam a pedra que está com Luther, mas falham com a outra pedra, matam pessoas e policiais são chamados. Então contrato alguns metamorfos idiotas para pegar a pedra para mim e trazê-la aqui. Os metamorfos idiotas são devorados por sereias fodidas e de quebra rompem a Proteção que vigia este lugar.

— Então, quando amanhecer, as sereias se escondem e eu pego a pedra, —disse Julie. — Fácil.

— Exceto que, se eu fosse Caleb, gostaria de ter certeza de que tudo corresse de acordo com o plano.

— Você ficaria e observaria. —Os olhos de Julie se estreitaram. — Você nos veria matar as sereias e veria nos proteger em cima do

pilar. Você saberia que estaríamos presos aqui por pelo menos uma hora. Tempo mais que suficiente para elaborar um novo plano, convocar alguns pássaros e nos arrancar a pedra. E depois transportá-las para lá? —Ela apontou para o nordeste. — Por quê?

Se Caleb assistiu, foi de longe porque Derek não sentiu o cheiro dele. Ele poderia ter se escondido em qualquer uma das ruínas ao redor do lugar. Rastreá-lo era inútil, com certeza Caleb já havia ido embora em direção ao nordeste com seu próprio pedaço da pedra mágica. Caleb esperava que eles o seguissem e tinha todo o tempo que precisava para montar uma armadilha.

— Duas possibilidades: *ou ele precisa fazer algo com a pedra naquela direção ou ele descobriu que você pode vê-la e encontrá-la.* Continuamos interferindo e estragando os planos dele. Ele pode muito bem está nos atraindo para uma armadilha.

Derek desejou saber o que a pedra fazia.

Julie olhava para o longe, provavelmente para a pedra brilhante, com uma expressão séria no rosto. Ela sabia muito mais sobre bruxas do que ele. Kate estava relacionada com uma das três Bruxas do Oráculo. O nome dela era Evdokia e Julie tinha aulas com ela toda terça-feira.

— O que você sabe sobre Adams? —Ele perguntou.

— Ele é um feiticeiro. —Ela disse a palavra como se tivesse um gosto amargo.

— Uma bruxa homem. —Ele sabia disso. Ele também sabia que Adams era temido. As pessoas não gostam de mencionar seu nome.

— Não. —Ela balançou a cabeça. — Ele não é uma bruxa.

— Qual é a diferença?

— Uma bruxa trabalha com o equilíbrio. Para uma bruxa, tudo está conectado. Tudo é um emaranhado de fio; puxe uma ponta com muita força e poderá fazer um nó que ninguém desfazará. Se alguém está doente, uma bruxa vai curá-lo porque a doença é um desequilíbrio, mas se procurar pela mesma bruxa pedindo-lhe para

dar mais um ano de vida através da magia, ela rejeitará porque isso é pedir por algo não natural e sempre há um preço por coisas não naturais. A palavra bruxa vem do inglês antigo *wicca*, uma palavra antiga que significa um praticante de magia. Há palavras semelhantes a ela, como *wigle* ou *wih* no alemão antigo e sempre significam coisas como adivinhação, sagrado ou conhecimento. Caleb Adams não é uma bruxa. Ele é um feiticeiro. Essa palavra vem do *wærloga* do inglês antigo. Significa traidor, mentiroso, inimigo. Perjuro. Ele só se preocupa com seu próprio ganho e corta cada fio que puder para conseguir o que quer. É por isso que eles o expulsaram do Coven. Caleb quebrou o pacto. Não há limite para as coisas fodidas que ele fará para conseguir o que quer. Evdokia o odeia. Toda vez que ela menciona o nome dele, ela cospe para o lado.

Um homem assim iria querer uma pedra mágica por apenas uma razão: poder. Adams já havia matado uma vez. Ele mataria novamente e se conseguisse poder, usaria para continuar matando. Derek pensou nos Ives. Do cheiro repugnante e das manchas de sangue daquelas pessoas que ele conhecia, chamando, ameaçando acordar algo que ele mantinha acorrentado dentro de si.

— Há apenas uma coisa a fazer, —disse ele.

Ela olhou para ele com o rosto apreensivo.

— Vamos pegar a pedra de volta. —Ele disse a ela.

Julie mostrou os dentes sorrindo. Ela não era uma metamorfa, nunca seria uma, mas agora, sob a luz da lua, ela sorria como um lobo.

## Capítulo 3

ELE CORRIA AO LADO DE AMENDOIM enquanto Julie o conduzia pela rua. Estavam se locomovendo para o nordeste da *Rodovia Lawrenceville*<sup>33</sup>, indo para *Tucker*<sup>34</sup>. Como a cidade era agora seu território, ele aproveitou o tempo para aprender mais sobre ela. Após a primeira Mudança, quando os aviões não funcionavam mais e as viagens nas estradas se tornaram perigosas, as indústrias buscaram as ferrovias para o transporte. Com os edifícios em Atlanta caindo aos pedaços, Tucker tornou-se um ponto industrial importante por cerca de quinze anos, crescendo rapidamente até que as fábricas recém-construídas também decaíram. Isso era o máximo de informação que ele sabia e precisava. O que interessa agora era que Tucker estava abandonado, quase todo tomado pela floresta, enquanto as pessoas se mudavam para o centro da cidade.

Ao redor deles, ruínas escuras cobriam o asfalto depredado. Mais à frente podia-se ver metade de um ônibus escolar enferrujado, abandonado em algum estacionamento antigo. Os restos de um posto de gasolina, todo engolido pelo denso *kudzu*<sup>35</sup>, apareceu à direita. Duas corujas pousaram nos restos da placa da *Exxon*<sup>36</sup> esperando por algum sinal de movimento. *Este seria um lugar feio sem o verde da floresta*, refletiu Derek. Perigoso, enferrujado, destruído. As plantas disfarçavam, escondendo a terra desfigurada debaixo das bonitas folhas. Mesmo os antigos fios de energia, desativados há anos, pareciam enfeitados, envoltos em trepadeiras e segurando pequenas flores brancas como guirlandas.

Um riacho havia se libertado de alguma barragem feita pelo homem, inundando e encontrando um caminho fácil pela rua asfaltada. A água tinha apenas alguns centímetros de profundidade, oito no máximo, mas ele não gostava de molhar os pés, então se moveu para o lado direito onde os detritos e o solo depositado pela água formavam uma margem natural. Pequenos peixes corriam no riacho limpo. Ele sentiu cheiro de veado e alguns momentos depois os viu bebendo de um córrego: *um grupo de três animais*. Duas

estavam prenhes. Os veados levantaram a cabeça, olharam para eles e partiram.

— Lindos, —disse Julie.

Ela tinha ficada mal-humorada depois que eles deixaram Pillar Rock, então decidiu provocá-la um pouco. — Deliciosos.

— Sério?

— *Hum ...* Mais tarde, voltarei aqui e comerei todos os filhotinhos. Ficarei grande e gordo. —Nenhum metamorfo lobo ou caçador humano mataria uma fêmea prenhe ou filhotes. Se fizéssemos isso com bastante frequência arriscaríamos o nosso suprimento de comida. *O que iríamos fazer quando o inverno chegasse e não encontrarmos alimentos?*

— Se isso é você tentando ser engraçado, pare.

Ele sorriu para ela. — Você queria piadas.

— Que tipo de piada é essa?

— Tipo de piada de lobo.

— Você realmente precisa de uma namorada.

Não, isso de novo não.

— E quanto a Célia?

Levou um momento para descobrir de que Célia ela estava falando. O Bando tinha quatro mulheres com esse nome e ele interagiu com três delas. Tinha que ser a ruiva Célia. Antes de se separar do Bando, ela desenvolveu um hábito persistente de sempre estar nos mesmos lugares que ele em sua rotina diária. Derek podia explicar para Julie que toda vez que Célia o encontrava, ele percebia ela observando seu rosto com uma satisfação calculada. Célia olhava para as suas cicatrizes, achava que ele estava desfigurado o suficiente e pensava que por causa delas Derek estaria desesperado por companhia. Ela ansiava por poder e segurança. Em sua cabeça ele era perfeito porque estaria lisonjeado pelo interesse dela, assim seria fiel e a deixaria segurar as rédeas, já que ninguém mais o queria. A única vez em que eles conversaram em particular

confirmou sua teoria. Ela disse a ele que ao contrário da maioria das mulheres, não se importava com as cicatrizes e que ele não precisava ficar sozinho. Que ela o aceitaria mesmo que outras mulheres não o fizessem. Ele se aproximou dela e a prendeu com o seu olhar firme. Deu a ela seu melhor olhar dominante de um alfa, aquele que comunica tudo sem usar nenhuma palavra: *'eu não sou um fraco e nem estou desesperado.'* Aterrorizada Célia disse a ele que se ele a tocasse ela gritaria. Depois ela saiu correndo e ele a deixou ir em paz. Esse único episódio foi o suficiente para ela desistir dele.

— Célia é bonita.

— Não. — Isso era explicação suficiente.

— E Lisa?

Ele tinha que cortar o mal pela raiz. De todos os assuntos que Julie poderia ter escolhido, esse era o último que ele queria conversar com ela. Ele passou meses aprendendo a ler as emoções das pessoas. Sabia exatamente o que dizer para ela desistir dessa conversa. Forçou um sorriso. — Você é uma criança doce, Julie, mas não se preocupe tanto. Quando crescer, entenderá.

Sua expressão se fechou como se alguém tivesse batido uma janela na cara dela. Derek fez questão de dizer algo que sabia que ela ficaria brava com ele por um bom tempo. Ter Julie brava era melhor do que discutir sua vida amorosa.

A rua os levou mais para dentro de Tucker. Ele sentiu cheiro de gambá, guaxinins, dois bandos de cães de rua, gatos ferozes e um grande lince macho que felizmente demarcava seu território ao redor. Ele não sentiu cheiro humano. Ninguém passou por ali há algum tempo. Se Caleb Adams trouxe a pedra para Tucker, não veio por esse caminho ou tinha sido carregado por um pássaro gigante.

Eles caminharam em silêncio por meia hora quando Julie saiu da estrada e conduziu seu cavalo para os restos de um prédio de três andares. Ela levantou-se de sua sela e saiu de cima do cavalo. Derek começou a correr, saltou três metros no ar, pousou em algum

vergalhão, correu por cima de um tronco estreito e meio podre e ofereceu-lhe a mão para puxá-la para cima. Ela deu a ele um olhar frio e sem brilho. *Certo. Ainda estava brava.*

— Vamos, —disse ele. — Você está perdendo tempo.

Ela ignorou a mão dele e escalou sozinha os restos podres do prédio de três andares, alcançando a borda. Ele deu espaço a ela.

Julie levantou a mão e apontou para uma área à distância. — Lá. A pedra está no centro daquele lugar.

Ele olhou na direção que Julie indicava e viu restos de um grande complexo industrial, pelo menos duas dúzias de enormes edifícios, talvez mais, alguns quase inteiros, outros com paredes deterioradas e penduradas. Um labirinto de escombros. O solo ao redor era mais escuro, a textura era diferente, de alguma forma mais áspera. Formas estranhas surgiram entre as ruínas, algumas brilhavam em rosa claro e azul. Ele não conseguia distingui-las.

Seus instintos diziam que o lugar era diferente de tudo que já tinha visto antes. Pillar Rock o deixou cauteloso, mas esse lugar parecia muito pior. Derek não queria entrar lá, mas acima de tudo não queria que Julie entrasse.

O solo escuro ao redor das ruínas era como Adams, uma praga, uma corrupção que havia custado a vida de Ives. Pragas tinham que ser exterminadas. Curran disse-lhe uma vez: *"Toda vez que estiver diante de um problema e decidir fugir dele, você arranjará um novo problema"*. — O problema estava ali e deixar Caleb Adams livre depois de ter assassinado uma família só para colocar suas mãos em uma pedra mágica não era uma opção, não fugiria do problema. Eles resolveriam isso. Estava mais do que na hora de cortar os mirabolantes planos de poder do feiticeiro.

*Mesmo assim ainda não gostava de nada disso.*

Eles circularam o antigo parque industrial, desenhando um amplo arco em torno dele. Adams esperava que viessem do Sudoeste. Eles se aproximavam do Norte em vez disso. O vento soprava do Sul, e Derek gostava de estar contra o vento, assim

podia sentir melhor a sua presa. Esconderam Amendoim nas ruínas próximas. Com a mochila perdida, Julie recorreu a sua bolsa de reserva, uma pequena mochila que ela carregava nas costas.

De cima, as paredes dos prédios destruídos pareciam mais baixas. De perto, alguns tinham a altura de até três metros. Cogumelos gigantes de um metro e meio de altura com *chapéus*<sup>37</sup> azuis pálidos do tamanho de grandes guarda-chuvas, agrupavam-se ao redor das paredes e seus poros irradiavam um brilho rosa pálido. A estranha textura escura que ele tinha visto do topo do edifício em ruínas eram folhas. Plantas estranhas, roxas e pretas, não mais do que treze centímetros de altura, cada uma com um monte de folhas triangulares em caules curtos cobriam o chão completamente, espalhando-se das ruínas como uma poça de tinta derramada em um círculo quase perfeito, percorrendo cerca de trinta metros até chegar ao asfalto sólido. Ele quase pisou em um espinho enferrujado saindo da terra. Julie seguiu seus passos, confiando em seus sentidos e em outra bengala que ela pegou. Mesmo assim, eles tinham caminhado somente uns dez metros e ela já havia tropeçado uma vez.

As plantas fediam também. Um cheiro metálico pesado que se acumulava perto do chão e não se dissipava no ar. Seu nariz iria se acostumar com isso eventualmente, mas por enquanto o cheiro ainda era um incômodo.

— Pare. —Julie sussurrou.

Uma agulha de alarme o perfurou. Derek ficou paralisado no meio do caminho, seu pé pairando sobre o chão, cuidadosamente recuou e ergueu a mão. Ela colocou a bengala na mão dele. Ele se agachou e usou a bengala para empurrar as folhas de lado. Uma *armadilha de urso*<sup>38</sup>, de metal, estava aberta entre as folhas, um modelo antigo, com uma placa de pressão e mandíbulas de aço reforçadas, armadas com dentes de metal. Uma corrente se estendia da armadilha, serpenteando entre as folhas. Ele olhou naquela direção e viu um velho poste de concreto. A armadilha estava presa ao poste. Ele já havia vistos essas armadilhas antes. Elas pesavam

mais de vinte e dois quilos e os dentes de metal perfuravam até os ossos.

— Adams fez algum feitiço aqui, —Julie sussurrou. — Há uma mancha azul de magia na armadilha. É fraca e difícil de detectar, mas consigo ver. Não é magia de bruxa, é outra coisa. Algo realmente antigo. Todo o campo está semeado com essa coisa. Deixe-me entender melhor o que é.

Eles eram um alvo fácil parados aqui dessa forma. Quanto mais rápido compreendessem as coisas, melhor.

Derek assentiu.

Um assobio rasgou o ar e uma pontada aguda de dor perfurou seu peito, explodindo em agonia quente e entorpecente. *Prata*. O veneno se espalhou dentro dele, a agonia rasgando-o, tomando seu corpo muito rapidamente. Derek não perdeu tempo olhando para a haste de madeira que se projetava acima de seu coração. Tentar se proteger se abaixando no chão não era uma opção. Não havia também como se esconder.

Uma segunda flecha assobiou, apenas meio segundo atrás da primeira. Ele se jogou na frente de Julie e a flecha afundou no estômago dele. Prata explodiu em seu corpo. A detonação de dor quase o levou de joelhos.

— Corra! —Ela gritou para ele.

Se eles tentassem correr pelo caminho que vieram seriam alvejados mais facilmente. Havia muito terreno aberto atrás deles. Tinham que correr em direção ao arqueiro e ao abrigo das paredes de tijolos. Se ele corresse na frente de Julie, ela não conseguiria acompanhá-lo. Se a carregasse no seu colo, Julie levaria uma flechada. Tudo isso brilhou em sua cabeça em um instante torturante. Derek se abaixou, virado de costas para ela, agarrou as pernas de Julie, a puxou para cima de suas costas e correu para as ruínas assim que a terceira flecha furou o chão onde ele estava a um momento atrás. Essa era a única maneira que a maior parte de seu corpo poderia protegê-la.

— Direita!

Ele virou à direita muito rápido, quase escorregou, mas continuou correndo. A dor o devorava por dentro, comendo suas entranhas com presas de fogo.

Outra flecha assobiou, passou perto e errou.

— Esquerda! Mais à esquerda! Direita! Em linha reta!

Ele atravessou o campo de folhas e se chocou direto contra a parede de tijolos do abrigo, incapaz de parar. Os velhos tijolos estremeceram, mas não caíram. Derek mal sentiu o impacto do choque. O fogo dentro dele consumia todas as outras dores. O envenenamento por prata se espalhava enquanto o vírus *Lyc-V*, que nutria e curava seu corpo, morria em números alarmantes. Suas pernas tremiam e ele não conseguia parar o tremor. A dor estava se espalhando rápido demais. As flechas haviam sido revestidas com pó de prata.

Ele agarrou a flecha no peito, concentrou-se na intensa agonia dentro dele e tentou puxar, forçando seus músculos moribundos a obedecer. A mão de Julie se fechou sobre a dele. Derek soltou a flecha e Julie a puxou suavemente, com cuidado. Lutou contra seu próprio corpo, tentando escapar da dor. O mundo pairava na beira da escuridão. Ele rosnou. A flecha branca desapareceu.

— Próxima, —disse Julie, segurando a segunda flecha, mas Derek a puxou sozinho dessa vez, seus dentes cerrados de dor. A flecha saiu facilmente, mas a agonia permaneceu.

— Derek? —Ela olhou em seus olhos.

— Pó de prata, —ele disse.

Seu rosto ficou branco.

Eles tinham que sair daqui. Estavam muito expostos nesse lugar e o atirador sabia exatamente a localização deles. Derek se forçou a ficar de pé.

— Espere. —Ela procurou algo em sua bolsa.

— Não há tempo. —Ele a puxou para cima e se inclinou para olhar ao redor da parede. A noite estava vazia. Ele se moveu, correndo silenciosamente e rápido. A prata queimava em suas veias. Não havia tempo para expulsá-la agora. Seu corpo iria curar-se ou morrer tentando.

Ele mergulhou nas sombras, abrindo caminho pelo labirinto de paredes caídas, ciente de Julie ao lado dele. Eles tinham que se abrigar em um lugar mais alto, em algum lugar onde pudesse descansar por alguns minutos, precisaria sangrar e tentar expurgar o veneno em algum lugar seguro.

Sentiu o cheiro pungente de fumaça de ervas queimadas, uma quantidade grande demais para analisar componentes. Um odor mais espesso, sujo e quente, o cobriu. Sentiu cheiro de animais, mais de um. Três. Não, havia quatro tipos de cheiro distintos e, abaixo deles, outro cheiro. Expirou mais forte e recuou. O cheiro de puro medo o acertou profundamente no intestino, apertando-o. Respirou fundo, tentando acalmar o pânico primitivo que começava a controlar seus pensamentos.

Julie ofegou. Ele virou. Eles haviam corrido longe o suficiente para ver o canto da parede maior. Mais à frente, em uma clareira, um círculo brilhava no chão, o chão queimado ainda fumegava. Julie correu na direção do círculo antes que ele pudesse impedi-la. O cheiro repugnante ficou mais forte. Ele a seguiu, tentando controlar o terror que rosnava em sua mente. A parede à direita terminou e Julie atravessou o espaço. Ele a xingou baixinho e a seguiu.

Ela se ajoelhou ao lado do círculo, protegida da vista pelo canto do prédio. Encantos e feixes de ervas pendiam dos tijolos, cada um deles pendurado por um fio úmido que cheirava a carne.

Um poste de madeira erguia-se do chão do lado de fora do círculo. Animais mortos pendurados nele, cada um pregado na madeira com um longo prego de ferro: Um rato, um esquilo, um gato e, acima deles, uma cabeça de lobo manchada de sangue fresco. Acima da cabeça uma flecha projetava-se da madeira. A ponta da flecha parecia rústica, muito antiga.

A cabeça de lobo olhou para ele com olhos mortos como se estivesse dizendo: *"Ei amigo. Não se preocupe. Você e eu somos parecidos. Não há dor para onde você está indo"*.

Ótimo. Ele tinha que expurgar a prata do seu corpo antes que a dor começasse a fazê-lo delirar.

— Ele convocou algo. — Julie sussurrou com os olhos arregalados. — Matou um lobo e convocou algo muito antigo.

Derek apontou para as ervas. — São entranhas de lobo?

— Sim.

Um uivo sinistro rolou pela ruína. Ele se levantou, seu corpo muito alerta. *Corra! Corra agora! Eles tinham que correr. Cães estavam chegando e os jogariam no chão. Eles estavam a céu aberto, exposto, mas poderia fugir se começasse a correr agora, rápido, muito rápido para a floresta ...*

Julie segurou o rosto dele com os dedos. — Olhe para mim. — Ela sussurrou, suas palavras urgentes, mas firmes. — Olhe para mim!

Ele empurrou as mãos dela para longe, mas ela as colocou de volta, seus dedos frios e firmes em sua pele. Julie o prendeu com o olhar. Ele olhou fixamente em suas íris marrons.

— Derek! Alguém convocou magicamente um caçador. Os animais no poste são presas e você é a próxima presa do caçador. Todo esse lugar é uma armadilha mágica gigante, e está tentando fazê-lo agir como se você fosse um animal, no papel que ele quer lhe atribuir. O caçador solta seus cães, o lobo correrá freneticamente e o caçador irá persegui-lo e matá-lo. É o ritual da caçada que acontece por milhares de anos, mas você não é só um lobo.

Outro uivo cortou sua mente como um machado corta a lenha.

As mãos dela seguraram mais firmemente seu rosto, seus olhos duas piscinas sem fundo. — Você é humano. Você não é somente um lobo. Não precisa correr. Você é humano. Olhe para mim. Você é Derek. Se correr agora, vai morrer.

Se ele corresse, ela não conseguiria o acompanhar.

— Você é humano, Derek.

Sua voz cortou o pânico. Ele sentiu a razão retornar lentamente, deslizando através da dor e do instinto. As coisas que uivavam os encontrariam logo e ele não estava em condições de lutar. — Temos que nos abrigar.

Ela o soltou. — Se você correr, o feitiço o prenderá e não será capaz de fugir. Não corra, Derek.

— Eu não vou.

Ele se virou, lutando contra a tontura. Um prédio, um antigo armazém, erguia-se acima das ruínas à direita. O abrigo era óbvio demais, mas ele não se importava. Precisavam se esconder. Apontou para o prédio. Ela assentiu.

Um uivo agudo e triunfante cortou a noite. Um cão estava a metros de distância e acabara de sentir o cheiro deles.



À ESQUERDA, AS PAREDES SE UNIAM formando um canto, deixando apenas um espaço estreito, meio sufocado pelo entulho. Não era um abrigo ideal, mas era melhor do que ficarem expostos. Ele apontou para o canto.

Julie enfiou a mão no saco e tirou um saco plástico com pó amarelo. Ele respirou fundo e enfiou o capuz sobre o nariz e a boca. Ela jogou um punhado de acónito no ar e se aproximou dele. Entraram juntos no buraco que terminava em uma parede inteira a menos de três metros de distância. À direita, outra parede. Acima deles, barras de metal se cruzavam. Ele poderia quebrá-las, mas não sem fazer barulho. Estavam presos em um espaço de três metros e meio por três metros e meio.

Derek se abaixou. Julie se abaixou ao lado dele. Espiaram através das lacunas entre os tijolos quebrados e sujeira. Algo

grunhiu baixo e profundo logo atrás do canto da parede. Algo grande.

Derek ficou completamente imóvel. A prata tinha comido um buraco no peito e tentava alcançar seu coração.

Outro grunhido, áspero, alto. Um animal correu para o campo aberto, enorme, pelo menos cento e quarenta quilos, coberto com pelo marrom longo e grosso. Na escuridão, podia jurar que era um javali<sup>39</sup>: tinha o tamanho, a forma e as enormes mandíbulas de javali, armadas com presas e dentes enormes, mas não tinha cascos. Suas pernas terminavam em patas com garras.

Não tinha ideia se o acónito iria ter algum efeito nessa coisa.

O cão-javali rosnou baixinho, farejando o ar. Pequenos olhos malignos observava o seu redor, fixamente sem piscar. A criatura deu um passo mais perto do buraco.

Ao lado dele, Julie estava completamente imóvel. Ela não podia lutar com essa criatura. Ela precisaria de uma lança. Os seus machados não seriam eficientes. Ele tinha que se curar rapidamente ou nenhum deles saíam vivos.

Outro passo.

Outro.

Derek pegou sua faca.

O cão-javali farejou, procurando por seu cheiro e recuou. A criatura bufou, esfregou seu nariz, rosnou e gritou como um porco.

Seus ouvidos captaram o som de cascos pesados se aproximando.

O cão-javali grunhiu, circulando o anel fumegante, tentando se afastar do acónito.

Um enorme cavalo peludo apareceu carregando um cavaleiro. Uma olhada rápida e Derek conseguiu ver um vislumbre de uma bota de couro e uma perna de calça marrom. Derek baixou a cabeça, tentando dar uma olhada melhor. O caçador usava couro.

Era um homem muito grande, mais largo e provavelmente mais forte que um humano normal. Um manto de pele de lobo com capuz protegia suas costas. Os pelos da nuca de Derek ficaram em pé.

O caçador se virou, mostrando seu rosto. Tinha por volta de trinta anos, cabelos castanhos compridos e claros. Um rosto severo. Olhos claros. Uma longa cicatriz irregular cruzava a ponta do nariz. Algo com garras o marcou, mas deve ter morrido antes de terminar o trabalho. Derek mostrou os dentes. *Irei sufocá-lo com esse mato de pele de lobo.*

Um arco<sup>40</sup> comprido de madeira e osso pairava sobre o ombro do caçador. O caçador levantou um braço protegido por couro. Um grito atravessou a noite e um pássaro desceu do céu como uma pedra e pousou no braço. Feio, pescoço emplumado, grande, com um bico cruel. Não se parecia com nenhum pássaro que ele já tinha visto.

O caçador estudou o cão-javali, depois levantou a cabeça e examinou a área. Seu olhar passou pelo local onde ele e Julie estavam abrigados. O caçador olhou para o buraco. Derek olhou em seus olhos. A magia rolou sobre ele em uma onda fria e escura, substituindo a agonia da prata por gelo. Em sua mente viu uma longa e congelada noite de inverno sob a lua. Sentiu a neve fria sob suas patas. Cheirou seu próprio sangue, intenso e quente enquanto caía sobre a neve, e ouviu o uivo longo e ondulante de cães famintos.

É assim que sempre foi. É assim que tem que ser agora. Ele tinha que correr, correr para as árvores, antes que as flechas e os cães de caça o encontrassem.

*Boa tentativa, idiota.*

O desejo de correr era esmagador agora. Derek usava toda a sua força de vontade para ficar parado.

Um momento passou. Derek esperou. Ele era um lobo. Tinha naturalmente toda a paciência do mundo.

O caçador assobiou suavemente entre os dentes. O cão-javali sacudiu a cabeça e seguiu em frente. O caçador se virou, impulsionou o pássaro de volta para o céu noturno e se moveu em seu grande cavalo, afastando-se.

Derek e Julie ficaram parados por mais três minutos antes de saírem silenciosamente do abrigo. Julie agarrou a mão dele, apontou para o poste, para si mesma e para cima.

*Me levante.*

Ele agarrou suas pernas e a levantou. Ela arrancou a flecha do poste e eles se fundiram na noite.



UM GRANDE EDIFÍCIO SURTIU, as paredes da fachada estavam destruídas, espalhadas em pedaços no chão. Faltava metade do telhado, mas a parte traseira oferecia abrigo. Ele estava mancando agora, correndo devagar até mesmo para um humano.

— Quase lá, — Julie sussurrou.

Forçou um último movimento de seu corpo. Derek estava no seu limite.

— Quase lá. — Ela repetiu.

Ele a seguiu através do chão sujo até uma escada de metal que levava para o piso superior do edifício, subiu as escadas e caminhou até o canto mais distante do prédio vazio. Caiu no chão. Ela sentou-se ao lado dele, puxou uma pequena faca da bainha em sua cintura e tirou o capuz dele. Seus olhos se arregalaram.

— O veneno alcançou o seu pescoço.

Ele já sabia disso. A carne no pescoço e no peito parecia morta. Quando ela tocou, ele não sentiu a pressão do toque. A pele do peito dele tinha ficado cinzenta.

Cortar o peito não resolveria o problema. A prata ainda estava em sua corrente sanguínea e subia. Se atingisse seu cérebro, ele

morreria. Tinha que expulsar a prata do seu corpo antes que isso acontecesse.

Ele pegou a faca das mãos dela.

— Não faça! —Ela sobressaltou.

Ele cortou a sua artéria carótida. O sangue jorrou em um jato negro e vermelho. Ele sentiu o cheiro metálico do *Lyc-V*.

Um uivo, perto, bem próximo.

Julie virou e desceu as escadas correndo com a bolsa na mão.

O sangue continuava jorrando em uma quente inundação, encharcando seu ombro. Normalmente o *Lyc-V* reconheceria o corte do pescoço como fatal e a selaria quase que instantaneamente, mas o vírus que lhe dava regeneração estava morrendo muito rapidamente. Derek sangrou como um humano, ficando mais fraco a cada batida do seu coração. Seu domínio da consciência estava escorregando. Seu cérebro, faminto de oxigênio, logo se desligaria. Firmou suas garras na realidade, não poderia desmaiar. Um humano normal estaria morto em segundos. Mas se ele conseguir permanecer consciente, se seu coração bombear o sangue envenenado pela prata para fora do seu corpo, se o *Lyc-V* conseguir se recuperar, se a prata não alcançar seu cérebro, ele poderá sobreviver.

Abaixo, Julie desenhava um círculo com giz branco ao redor das escadas. *Uma Proteção, um feitiço defensivo*. Ele duvidava que só o giz pudesse segurar os cães ou o caçador. Ela puxou a flecha de dentro da bolsa e arranhou uma segunda linha no chão de concreto, fazendo o segundo anel dentro da primeira linha de giz.

O cão-javali apareceu no espaço onde antes estava a fachada, as paredes em ruínas iluminadas pelo luar. Derek se obrigou a se mover, mas não conseguiu sair do lugar.

Julie tirou uma pequena garrafa da bolsa e derramou uma poça de um líquido na frente dela, dentro do círculo.

*Levante-se*, ele rosnou para si mesmo. *Levante-se, inferno*.

O javali soltou um grunhido triunfante de pura sede de sangue.

Julie se sentou no círculo de joelhos. Ele viu uma pequena chama de um fósforo sendo riscado. O líquido se acendeu.

O cão-javali correu como uma bala de canhão na direção de Julie, rosnando, boca gigante aberta, presas prontas para rasgar.

Julie empurrou algo no fogo.

O cão-javali atravessou os últimos três metros.

Julie tirou o objeto da chama e o segurou na frente dela como um escudo.

O cão-javali deslizou até parar, os olhos do suíno fixos na flecha incandescente na mão de Julie. A criatura avançou e recuou, como se estivesse batendo em uma parede invisível.

Alívio o inundou. A ferida no pescoço dele estava se fechando. Ele ainda estava vivo. Agora era só uma questão de tempo e Julie acabara de conseguir algum.

O cão-javali latiu. Ao longe, outras três vozes responderam.

Ele não tinha certeza de quanto tempo havia passado: *segundos, minutos*. Porém, o vento havia mudado e Derek sentiu o cheiro do segundo cão-javali antes de ouvi-lo entrar no prédio e deslizar até parar antes do círculo de Julie. Um terceiro e quarto cão-javali apareceram depois. Ouviu o pássaro, viu quando voou sobre ele, circulando e então ouviu o cavalo do caçador.

Ouviu o som áspero do metal batendo na pedra. Julie estava cortando a ponta da flecha com o seu tomahawk.

A dor no pescoço de Derek havia diminuído. As bordas da pele cinzenta se encolheram, ficando rosa, a cura não estava acontecendo rápido o suficiente, assim mesmo ele teria que agir. Ela fizera sua parte. Era hora de fazer a dele.

Na escuridão do segundo andar, tirou os sapatos e depois as calças.

Os cascos do cavalo bateram no chão do prédio.

— Você não conseguirá quebrá-la, —disse uma voz masculina profunda.

Derek olhou para baixo. O caçador parou seu cavalo no meio do caminho. Os quatro cães-javalis se alinharam entre ele e Julie.

*Aqui está você, imbecil.*

— A ponta da flecha é de pedra. A lâmina do meu machado é aço inoxidável. —Julie parecia determinada. — Eu vou quebrá-la.

Derek levantou-se em silêncio nas sombras.

— Essa é a minha flecha primitiva. A flecha é eterna e eu também. Enquanto houver humanos e suas presas, eu existirei.

— Vá se foder. —Ela desceu o machado na flecha.

*Agora!* A mudança correu através dele, a breve dor bem-vinda e doce. Seus músculos se rasgaram e voltaram a crescer, seus ossos se alongaram, seus pelos brotaram e, de repente, se sentiu inteiro de novo, mais forte, mais rápido, com dois metros de altura, uma mistura de animal e homem. A queimadura de prata ainda estava lá, mas agora sentia apenas uma lembrança afiada da dor e a necessidade de matar o responsável por ela. Ele cheirou sangue. Suas garras de oito centímetros coçavam. Ouviu oito corações batendo: *cinco animais, um pássaro e dois humanos*. Queria provar o fluxo quente e salgado de sangue batendo em suas veias, rasgando-os com os seus dentes e sentindo-os lutar pela vida.

A parte selvagem dentro dele rugiu. A coisa que quase o transformou em *loup*, que ele matinha distância com corridas mensais pela floresta, com meditação, com esforço e disciplina, com exercícios físicos até a exaustão do seu corpo, essa coisa se soltou e estava com fome.

— Escolha um lado, —perguntou o caçador para Julie.

Sua voz soou, as palavras dela desafiadoras. — Eu escolho o lobo.

— Então você morre. —O caçador puxou o arco de seus ombros.

*Hoje não.* Derek saltou sobre o corrimão de ferro. Pousou entre os cães e abriu duas gargantas com suas garras, ao mesmo tempo, antes mesmo que os cães-javalis percebessem que ele estava lá. O sangue jorrou, sangue quente e glorioso, direto do coração. Seu lado selvagem cantou dentro dele. O terceiro animal tentou matá-lo, mas ele o jogou de lado como uma boneca de pano. Atingiu a parede com um baque alto, choramingou quando escorregou para o chão e ficou imóvel.

Uma flecha assobiou no ar. Ele agarrou o quarto animal pelo pescoço e o puxou, segurando-o como um escudo enquanto lutava. Flechas cravaram no animal, uma, duas, três, e afundaram profundamente. Ele arremessou a criatura em seu mestre. O cavalo empinou, relinchando. O caçador agarrou o cão-javali no ar e o lançou para o chão, ao lado. O animal ficou novamente em pé e correu para Derek, mancando. Os cães restantes, dois muito machucados e sangrando e um arrastando uma pata, correram em direção a ele. Ele se esquivou do primeiro, deixando-o passar por ele e o agarrou pelo pescoço, mordendo-o. Seus dentes se fecharam ao redor da coluna vertebral e esmagaram a cartilagem. Derek rasgou pedaços de músculos e ossos e o soltou. Dentes afiados cravaram no seu quadril. Derek rosnou por conta da dor e socou o crânio grosso da criatura que estremeceu, socou novamente, dirigindo seu punho com toda a sua força selvagem. O crânio quebrou. Pedaços de cérebro encharcaram sua pele. O último cão atacou, instável em seus pés. O seu lado selvagem rugiu dentro dele, tão alto que não conseguiu ouvir mais nada. Ele estraçalhou a garganta do cão em pedaços.

Uma flecha perfurou sua coxa. Derek a arrancou, abrindo a ferida antes que a prata pudesse se espalhar.

O último animal caiu. O pássaro mergulhou na direção dele. Derek o pegou no ar e arrancou a cabeça do pássaro. Sobrava somente o humano. Ele caminhou até o caçador. Não havia necessidade de pressa.

O caçador puxou seu arco e disparou. Derek bateu na flecha, derrubando-a de lado. Outra flecha. Ele se esquivou, a flecha roçou sua coxa. A queimadura de prata o estimulou. Derek saltou e tirou seu oponente do cavalo com um golpe de sua pata. O grande humano rolou de pé, duas espadas em suas mãos. Derek e o caçador eram quase da mesma altura: *o caçador tinha mais de um metro e oitenta, e Derek tinha dois metros em sua forma de guerreiro.*

Derek lambeu suas presas. Sangue delicioso cobria sua língua e pingava de sua boca, mas ele ainda estava com fome.

O caçador se tornou um redemoinho de lâminas. Cortava e esfaqueava, cortava sem parar, muito rápido. Derek o bloqueou, se posicionou para um golpe e o chutou no peito. O caçador voou para trás, mas se equilibrou e o atacou novamente.

Eles colidiram. Uma lâmina perfurou o peito de Derek, perfurando precisamente entre suas costelas, quase acertando seu coração. A dor rasgou suas entranhas. Ele enterrou as garras na barriga do caçador e arrancou um punhado de intestinos. O caçador torceu a espada, tentando abrir caminho para o coração de Derek. Derek se empurrou, retirando-se da lâmina, mas o caçador cortou o braço direito dele com a outra espada. Aceitou o golpe porque não tinha escolha, mas o corte quase atingiu o osso. Derek arrastou suas garras pelo rosto do caçador. Sangue derramou nos olhos do caçador. O grande humano atacou com a espada direita, golpeando-o. Derek se moveu para a esquerda, a lâmina passou por um fio de cabelo distante dele, trancou o braço direito no pulso do caçador e golpeou com a sua palma da mão esquerda no cotovelo do homem. A articulação do caçador rachou, quebrando. Ele arrancou a espada dos dedos repentinamente fracos do homem e a enfiou na boca do caçador.

Era uma boa espada, afiada e forte. Fez um belo som ao rasgar a boca do caçador, descendo a lâmina pela garganta. O coração do caçador tremulou como um pássaro morrendo, depois parou.

Derek levantou a cabeça para o céu. Acima dele, a lua o observava através da enorme abertura no telhado. Ele abriu as mandíbulas ensanguentadas e uivou. O uivo estridente se elevou, viajando em direção ao luar, rolando pela noite, avisando a todos que ele havia acabado de matar alguém.

Ele balançou o cadáver, esperando que a luta continuasse, depois levou a cabeça do homem morto até a boca, mas o caçador não se mexeu. Seu coração estava parado. Derek jogou o caçador morto de lado.

Tinha que haver algo para matar. Ainda havia um coração batendo.

Ele se virou e a viu sentada em um círculo. Ela o olhou ... *Bom.*

Ele andou até o círculo. Ela não se mexeu. Apenas o observava com lindos olhos castanhos.

Correu em direção a ela e se chocou em uma parede invisível. Ele não podia ver a barreira, mas estava lá. Olhou para baixo e notou uma linha de giz branco entre ele e ela. *Magia.*

Circulou a barreira, sondando-a com suas garras. A parede invisível a protegia por todos os lados. Ele parou na frente dela e se agachou, dessa forma seus olhos ficaram nivelados. Sua voz era um grunhido desumano e áspero. — *Me deixe entrar.*

— Não acho que seria uma boa ideia.

— *Me deixe entrar.*

— Talvez daqui a pouco, —disse ela. — Quando você estiver bem novamente.

— *Eu estou bem.* —Ele queria entrar naquele círculo.

— Daqui a pouco.

Ele recuou, dando distância e correu a toda velocidade em direção a barreira invisível do círculo. A barreira o segurou.

— Agora você não consegue desistir da caçada. —Ela disse a ele.

Levou mais quatro tentativas antes que ele decidisse que não poderia atravessar a parede de proteção invisível. Ele chutou os cadáveres por um tempo, mas eles não reagiram e o cavalo havia fugido. Pensou em rastreá-lo, mas teria que deixá-la e ele não queria. Finalmente resolveu se esticar próximo ao círculo e olhou para a lua.

Aos poucos se acalmou até que a respiração diminuiu de ritmo. Lentamente, o pensamento racional retornou. Seu corpo doía em muitos lugares. Desejou que pudesse dormir, mas se fizesse isso agora iria dormir como um morto por várias horas, enquanto seu corpo curava os ferimentos. Ele não podia mudar de forma também. A maioria dos metamorfos podia mudar de forma uma ou duas vezes por dia, mas depois o corpo o forçaria a tirar um cochilo, você querendo ou não. Derek era mais forte que a maioria, mas não queria se arriscar. Havia gastado muita energia lutando contra o envenenamento por prata, uma mudança poderia nocauteá-lo e ele não tinha esse luxo.

Caleb Adams ainda estava lá fora.

O púrpura profundo do céu noturno estava lentamente desaparecendo para um azul mais claro. O nascer do sol estava chegando.

O seu lado selvagem havia se acalmado. Era sempre assim, se lembrava do que tinha feito quando esse seu lado estava solto. Sempre se sentia bem enquanto estava nesse estado. Às vezes se arrependia, embora a maioria não o fizesse. Hoje estava arrependido.

— Derek! —Ela soou alarmada.

Ele sentou-se.

— A pedra está se movendo. —Ela apontou para a direita. — Ele está levando-a para outro lugar.

Derek ficou em pé. — *Vamos.*

Ela olhou para ele.

— *Estou bem.* —Ele disse a ela.

Ela estendeu a mão, esfregou a linha de giz e saiu. Seu cheiro tomou conta dele.

— *Qual o caminho?* —Ele perguntou.

— Leste, —ela disse. — Não, espere, Sudeste. Ele está voltando exatamente para o lugar de onde viemos.

— *Desculpe, eu te assustei.* —Disse ele enquanto saíam do prédio.

Ela revirou os olhos. — Você não é tão assustador.

O alívio passou por ele. Derek mostrou suas presas para ela, fingindo rosnar.

— Ai que medo! Não se iluda, nada que você faça me assusta, Derek. Aceite esse fato.

— *Eu vou ter que me esforçar mais um pouco.*

— Faça isso.

## Capítulo 4

O CÉU ACIMA DO PILLAR ROCK era um belo azul, com finas trilhas de nuvens que se estendiam do Leste. A água dos buracos, que era lamacenta ontem à noite, agora tinha uma cor azul e brilhava como *vidro de cobalto*<sup>41</sup>. O pilar se projetava em direção ao céu entre a miríade de poças d'água e, em sua ponta, três pedaços de pedras brilhante se encaixavam, formando uma única pedra brilhante. A visão de tudo era quase lindo, refletiu Derek, exceto por Caleb Adams, que estava entre eles e o pilar. Ele sentia o cheiro de Adams desde o momento em que deixaram as ruínas. O bruxo não tentou esconder a trilha. Uma criança poderia ter o seguido.

Caleb Adams aparentava ter quarenta anos, altura mediana, ombros largos e postura firme. Seu manto negro, esfarrapado e amarrado com um pedaço de corda, provavelmente escondia um

corpo musculoso de um *halterofilista*<sup>42</sup>. Seu rosto era perfeitamente comum: *cabelo loiro curto e escuro; barba curta, olhos escuros sob sobrancelhas inclinadas*. Sua pele tinha um tom avermelhado, um pouco menos do que uma queimadura de sol, o tipo de pele clara que as pessoas tinham quando trabalhavam ao ar livre. Um homem comum e aparentemente inofensivo. *Esperto*, Derek decidiu. Se Adams entrasse em um bar e pedisse uma cerveja, Derek não lhe daria uma segunda olhada.

— Eu tenho que saber, —disse Adams. — Quem diabos são vocês? Quem os contratou? Por que estão me seguindo por toda a maldita cidade? Eu simplesmente não consigo me livrar de vocês.

Derek mostrou suas garras monstruosas. — *Seu pessoal matou a família Ives.*

— Então é isso? —Adams franziu a testa.

— Crianças, —disse Julie. — Eles mataram as crianças também. Você não terá a pedra. Não terá o poder. Mas pagará pelas mortes dessa família.

— Isso é o que se ganha em contratar idiotas para fazer um trabalho. —Adams suspirou. — Existem dez regras para delegação de uma tarefa. A primeira é escolher as pessoas certas. Claramente, escolhi as pessoas erradas.

Ou ele era um obcecado pelo comando do seu pessoal ou estava deliberadamente nos enrolando. Certamente ele tinha algum tipo de plano. Derek olhou para Julie. Ela olhou de volta para ele, seu rosto ilegível. Se Julie tivesse sentido alguma magia, teria balançado a cabeça, acenado ou dado a ele algum sinal.

— Vocês ganharam. —Caleb levantou as mãos, recuando para a esquerda. — Agora sei quem vocês dois são. Você é o Lobo Cinzento e você é a pequena bruxa de Kate Daniels. Eu observei os dois de perto. Pensei que o Caçador acabaria com vocês, então eu estaria livre para fazer o que preciso, mas claramente o caçador falhou. Desisto. A pedra é de vocês, vão e pegue-a.

Nenhum deles se mexeu.

— Você sabe o que a pedra pode fazer? — Caleb sorriu. — O que uma Estrela Cadente brilhante, que caia do céu ao pôr-do-sol na última noite da primavera pode fazer? Um *rouxino*<sup>43</sup> não estava cantando no momento da queda, nós não temos essa espécie aqui, mas um *sabiã*<sup>44</sup> estava. São espécies da mesma família. Normalmente as Estrelas Cadentes não quebram em vários pedaços assim quando caem, mas a magia ainda é muito fraca no nosso mundo. Você deveria saber o que a pedra pode fazer, pequena bruxa. O que tenho aqui é uma das coisas que todos os eslavos temem. Ou Evdokia não te ensinou ainda?

— Derek! — Julie gritou. — Corre!

O primeiro raio do sol nascente se libertou do horizonte. A pedra em pedaços brilhou com uma luz intensa e fria, tornando-se inteira novamente. A luz subiu e se fundiu em uma mulher.

Ele respirou fundo.

Ela era linda. Sua pele era impecável, seu cabelo era dourado, seus olhos brilhavam em prata como a luz das estrelas. Estava nua no pilar. Derek olhou para os seios dela, para as curvas arredondadas de seus quadris, o triângulo de pelos dourados entre as pernas... Tão suaves, tão dourados... Ele queria colocar as mãos sobre ela.

A magia da mulher tomou conta dele e seu corpo mudou por conta própria para a sua forma humana, tentando usar sua humanidade para se aproximar dela. Ele não conseguia resistir e quando ela abriu a boca, seus lábios vermelhos como fruta madura, e o chamou para ela, seu corpo queria obedecer.

Sua voz era o som mais bonito que já ouvira.

— *Querido ... Venha até mim ...*

Imagens apareceram em sua mente. Ele se viu por cima dela, sentiu-se dentro dela, viu a pele da linda mulher corar enquanto o corpo dela se apertava ao redor dele ... A magia vindo dela era forte

demais. Ele estava cansado e ferido, e a mudança forçada para a sua forma humana o drenou. Ele não conseguia lutar contra essa magia. Tinha que se aproximar dela. Esse era a única maneira. A maneira certa.

— Derek! —Julie agarrou seu braço. — Não!

Derek ignorou. Ele tinha que se aproximar da mulher. Lutar contra o dilúvio de magia era inútil. Isso só o esgotaria ainda mais e ele já estava fraco.

— Derek!

Ele tirou Julie do seu caminho, empurrando-a. Ela caiu e ele marchou até o pilar.

— Ele está perdido. —Zombou Adams. — É jovem e solteiro. Não pode resistir a uma *letavitsa*<sup>45</sup>. Ela tem um poder inigualável. Uma única letavitsa pode esvaziar uma cidade de todos os homens.

— Derek!

Derek ouviu Julie tentando o alcançar e, com o canto do olho, viu Adams puxar uma faca e entrar em seu caminho.

— A Estrela virá atrás de você depois. —Julie rosnou.

— Tomei medidas. Tenho Proteções. Ele não. A Estrela Cadente se alimentará dele e o secará. Agora é só você e eu.

— *Venha para mim ... Diga que me ama. Entregue-se a mim.*

Ele deixou a magia puxá-lo para frente. Era forte demais para lutar. Tinha que chegar mais perto dela. Estava quase no Pillar Rock.

Adams levantou a mão. Magia suja se espalhou dele como tinta escura. — Evdokia vai adorar isso.

— O que diabos você quer com uma letavitsa?

— Há uma coisa interessante sobre gangues, —disse Caleb. — Noventa por cento dos membros são homens entre as idades de quinze e vinte e cinco anos. Com hormônios em ebulição e menos suscetíveis em formar laços duradouros. Somente um homem devotado e disposto a morrer por uma mulher poderia lutar contra a

magia de uma letavitsa. Esse tipo de devoção é raro. Amanhã à noite eu andarei com ela através do Warren e isso será o fim da guerra pelo meu território.

Derek pulou no pilar e começou a andar na direção da linda mulher. Ela esperava, dourada, quente, pronta, seu cabelo flutuando ao redor dela, seus olhos prateados brilhando ... Ele podia ver Julie e Adams abaixo deles entre as poças.

— Eu sou a Arauto, —disse Julie. Sua voz adquiriu um tom estranho. — Eu sirvo a Guardiã da Cidade.

— Bem, sua Guardiã não está aqui. —A magia negra em torno de Adams se intensificou. Formas serpenteantes negras deslizaram de dentro dele, estendendo-se do seu corpo, cada uma com uma cabeça de dragão esquelética armada com dentes afiados.

— Seu sangue é meu sangue. Seu poder é meu poder.

Adams parou. — Que bonitinho. Você está entoando um encantamento, pequenina?

— Olhe nos meus olhos e comece a se desesperar porque eu sou sua punição e você não pode escapar de mim.

As serpentes negras de fumaça apontaram em direção a ela, suas bocas esqueléticas se abrindo, seus corpos de fumaça ondulando de preto. Magia disparou de Julie destruindo as serpentes de fumaça. Por uma fração de segundo Adams congelou, seu rosto chocado.

Julie abriu a boca. — *Karsaran*. —O som a embalou. Ela caiu de joelhos.

Um poder invisível levantou Adams do chão. O corpo do feiticeiro congelou flutuando no ar, rígido. Um tremor rápido o sacudiu com um estalo alto e repugnante, como se todos os ossos do corpo do feiticeiro tivessem quebrados. O corpo caiu no chão.

Julie se levantou, limpou o sangue do nariz com as costas da mão, tirou o tomahawk da cintura e caminhou em direção a Adams com uma expressão endurecida.

Ele viu a boca de Adams aberta, incrédulo.

— Ele ainda vai morrer. —O bruxo forçou a voz.

— *Venha, querido ... Venha me amar. Vou fazê-lo feliz.*

— Estou indo, —disse ele. Ele estava mais próximo dela agora, perto daquele corpo celestial, tão macio, tão ansioso por ele.

Pronta. Disposta.

Julie levantou o machado e cortou.

A mulher dourada abriu os braços. Ela era tão bonita que ele queria chorar. Ele desejava esse corpo. Queria reivindicá-lo, sentir sua pele sob seus dedos ... Ela sorriu para ele e visões de sua boca o beijando rodaram em sua mente. Ele não se importava que a boca estivesse cheio de dentes serrilhados e afiados. Queria provar esses lábios vermelhos. A necessidade estava lá, mas não vinha dele.

Ela estendeu a mão e tocou seu rosto com as pontas dos dedos. Os olhos prateados da mulher se arregalaram. Sua voz chocada saiu em um sussurro. — *Você pertence a outra pessoa.*

— Sim. —Derek mudou de forma com a sua última gota de força. Sua forma de lobo surgiu e ele enfiou a mão com garras no peito da mulher, perfurando o seu coração e o arrancando.

Ela gritou, chocada, com os dentes de tubarão à mostra. O corpo da mulher explodiu em cinzas que por um momento se uniram no ar e então o vento as espalhou pela cidade.

Ele estava tão cansado que não percebeu que caia e nem ouviu Julie gritar.



QUANDO ABRIU OS OLHOS o céu estava azul escuro, já era a reconfortável noite novamente. Um cobertor fino o cobria.

Se sentia quente e dolorido em uma dúzia de lugares, os últimos pó de prata queimando como brasas dentro dele enquanto seu corpo lentamente os empurrava para a superfície de sua pele.

Sua cabeça descansava em algo que cheirava a cavalo, provavelmente um alforje. Ao redor dele, a cidade se estendia, as raras luzes douradas de lâmpadas elétricas brilhavam fracamente à distância. Ele ainda estava no Pillar Rock.

Sentiu o cheiro de Julie. O cheiro girou em torno dele e ele o saboreou. Nenhum sangue. Ela não estava ferida. Eles conseguiram.

— Finalmente, —disse Julie.

Ele sentou-se envolvendo o cobertor em volta do próprio corpo como um manto. Ela sorria para ele.

— Quanto tempo fiquei inconsciente?

— O dia todo.

O dia todo e ela ficou com ele. Não foi embora, ela ficou aqui, onde ele tinha caído e cuidou dele.

Julie procurou na sacola. — Comprei um pouco de comida de um carrinho de comida que passou aqui por perto. Não são filhotes de veados, mas você terá que se conformar.

Ele estendeu a mão e tocou a mão dela.

Ela fez uma pausa e olhou para ele com olhos sem expressão.

— Obrigado.

— Pelo que?

— Por ficar comigo.

— Por nada, Lobo. —Ela disse baixinho.

Ele percebeu então que Julie se sentaria ao lado dele o quanto fosse necessário e que ele ainda segurava a mão dela.

Forçou-se a libertar sua mão.

Julie desviou o olhar e tirou o veado defumado e uma jarra de chá gelado da sacola. — Coma. Você provavelmente está morrendo de fome.

— Em um minuto, —disse ele. — A lua está quase nascendo.

Ela colocou a bolsa para baixo e sentou-se ao lado dele. Ficaram lá, quietos e em silêncio no Pillar Rock, lado a lado, seus joelhos quase se tocando, felizes por estarem vivos e por poder apreciar o nascer da lua.

## Epílogo

— Aconteceu alguma coisa enquanto estávamos fora? — Kate cortou o pão recém-assado na cozinha.

— Não. —Uma coisa boa de morar na rua, Julie refletiu, era que se aprendia a mentir enquanto seus olhos brilhavam com sinceridade. — Você nem se quer mencionou minha incrível habilidade de sincronização. O pão ficou pronto assim que vocês entraram pela porta.

Atrás de Kate, Curran olhou para ela. Foi ele que ligou para Derek sobre os Ives, então sabia o que aconteceu, mas Kate claramente não sabia. Teriam que contar a ela, mas não esta noite. Esta noite Julie estava cansada e com fome e o olhar no rosto de Kate, enquanto descia depois de ter tomado um banho para lavar todo o sangue de uma missão, estava muito relaxado. Julie sorriu para Curran. *Isso pode esperar.*

— Obrigada pelo pão. Tem certeza de que nada aconteceu? — Kate arqueou uma sobrancelha.

Julie lembrou-se do momento em que matou Adams, da visão de Derek caindo enquanto ele se tornava humano novamente, de correr muito rápido até Derek no pilar. Lembrou-se de cair de joelhos e colocar o ouvido no peito dele e quando ouviu o batimento cardíaco forte, ela chorou, então beijou os seus lábios suavemente.

Derek estava dormindo, nunca saberia desse beijo. Ele a assustou tanto.

*Lobo estúpido. Seu lobo estúpido e idiota.*

Kate não entenderia e ela não precisava saber. — Nada aconteceu.

— Isso é estranho. Passamos pelo escritório a caminho de casa e há um cheque de Luther na caixa de pagamento. Uma grande quantia.

— Eu vendi uma flecha mágica para ele, —disse ela. — Era muito antiga. A ponta da flecha era de pedra. Pergunte a ele se você não acredita em mim.

Kate olhou para ela.

Era hora de bater em retirada apressada antes que surgissem mais perguntas. Julie se dirigiu para a porta da cozinha.

— Onde você vai?

— Vou dar a Amendoim a sua cenoura noturna.

Saiu e fechou a porta atrás dela. *Fuga bem-sucedida.*

O ar estava confortavelmente frio. Um começo de noite caíra e o céu era de um roxo profundo cravejado de estrelas. Elas piscavam para ela enquanto andava.

*Continuem piscando. Contanto que fiquem aí em cima, não teremos problemas.*

Abriu a porta do estábulo, pegou uma cenoura da sacola de compras pendurada em um gancho e caminhou até o estábulo de Amendoim. O cavalo estendeu a boca para o deleite e os lábios macios e aveludados roçaram sua palma.

Uma presença apareceu atrás dela. Ela o sentiu, uma conexão de poder arcano, queimando por dentro, como ficar de costas para um fogo, se o calor fosse mágico. É como os antigos reatores nucleares devem ter sido. Um potencial inimaginável de destruição concentrado em um pequeno espaço.

— *Você finalmente usou seu poder,* —disse o feiticeiro imortal.  
Ela não se virou. — Sim.

— *Como se sentiu, Arauto?*

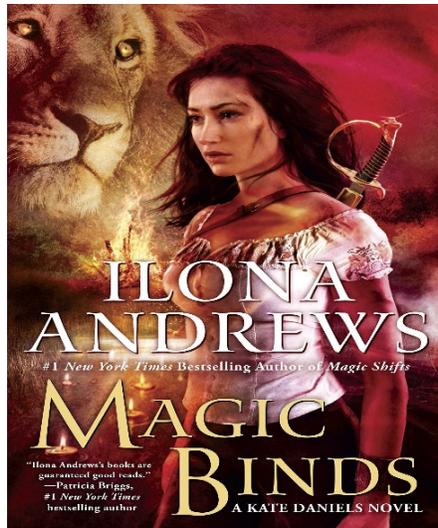
A memória do poder rasgando-a em uma torrente surgiu em sua mente, seguida por um pico de dor quando pronunciou a palavra de poder depois de ter entonado o encantamento. Ela ouviu o som dos ossos de Adams quebrando.

— *Como se sentiu?*

*A Arauto de Atlanta sorriu.* — Me senti bem.

**Fim ...**

Próximo Lançamento das  
Divas & Lord's FOREVER  
Livro 09 - Magic Binds



A mercenária **Kate Daniels** sabe muito bem que a magia na Atlanta pós-Mudança é um negócio perigoso. Mas nada que ela já enfrentou poderia tê-la preparado para isso ...

Kate e o ex Senhor das Feras, **Curran Lennart**, finalmente estão oficializando seu relacionamento. Mas há alguns obstáculos íngremes no percurso de sua caminhada até o altar ...

O pai de Kate, Roland, sequestrou o semideus Saiman e está lentamente sangrando-o em sua busca sem fim pelo poder. As Bruxas Oráculos previram que, se Kate se casar com o homem que ama, Atlanta vai queimar e ela vai perdê-lo para sempre. E a única pessoa que Kate pode pedir ajuda está morta há muito tempo.

As chances são impossíveis. O futuro é sombrio. Mas Kate Daniels nunca foi de obedecer às regras.

Notes

[←1]

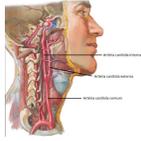


Faca de combate revestida com epóxi.

[←2]

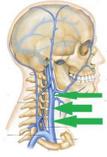
**Epóxi** é um polímero termofixo que se endurece quando se mistura com um agente catalisador ou "endurecedor". É um material de múltiplas aplicações em diversos setores industriais como domésticos, em especial na indústria da construção civil, pinturas, aeronáutica e química. Na indústria química, é utilizado principalmente para produção de tinta.

[←3]



As artérias **carótidas** primitivas ou comuns esquerda e direita são responsáveis por fornecer o sangue a toda a região da cabeça.

[←4]



**Veia jugular.** As veias jugulares internas são veias do pescoço. Elas transportam sangue venoso do crânio e sistema nervoso, além do sistema do cérebro exterior e inferior.

[←5]

Atualmente, profissionais da área da saúde defendem que a adolescência vai até os 24 anos e não mais até os 19 anos, como era determinado anteriormente. O conceito de adolescência/juventude varia de nação para nação. A Organização Mundial da Saúde estipula que juventude é uma fase entre 15 anos a 24 anos.

[←6]



**Cavalo de tração** ou cavalo de tiro é um termo empregado para referir-se a animais específicos, ou mais comumente a determinadas raças de cavalo, próprios para trabalhos pesados como arado e transporte de cargas. O termo distingue-se de cavalo de sela ou andador, cavalo de esporte e cavalo de trabalho.

[←7]



**My Little Pony** (Meu Pequeno Pônei) é uma [franquia de mídia](#) e de [brinquedos estadunidense](#), desenvolvida pela [Hasbro](#). Tendo inicialmente como alvo o público infantil, principalmente as garotas, entre 3 e 8 anos de idade, ela se baseia principalmente numa linha de bonecos de pôneis, criada por Bonnie Zacherle, Charles Muenchinger e Steve D'Aguanno, em 1983. Seu sucesso gerou série de desenhos animados e licenciamento de produtos, como roupas, materiais de escritório e artigos de papelaria, e outras menores marcas.

[←8]



Gypsy Vanner, também chamado de Gypsy Horse, Coulored Cob, e **Cavalo Cigano** no Brasil, é uma raça de **cavalos** recente que passou a ser registrada e reconhecida oficialmente a partir de 1996.

[←9]



**Frisio** (ou frisão), também chamado de friesian, é uma [raça](#) de [cavalos](#) de cor negra originária da [Frísia](#). É um animal de temperamento dócil e fisicamente bastante robusto. É criado principalmente na [Frísia](#), litoral norte dos [Países Baixos](#), de onde se origina seu nome.

[\[←10\]](#)



Um **tomahawk** é um tipo de machado de pequena dimensão, usado sobretudo pelos ameríndios algonquinos. Era uma ferramenta de uso geral e não somente uma arma.

[\[←11\]](#)

Oficial das monarquias medievais encarregado de proclamações solenes, do anúncio de guerra ou paz e de informar os principais sucessos nas batalhas. Aquele que, por meio de pregão, tornava pública uma notícia.

[\[←12\]](#)



Planta venenosa para os lobos. **Acônito** é também conhecido como mata-lobos pois em lendas de lobisomens o acônito enfraquece-os. O veneno de acônito foi o mais utilizado em flechas por arqueiros na Antiguidade e Idade Média européias. Possui raízes tuberosas e caule ereto, com flores azuis na forma de um elmo. O fruto é uma vesícula.



Na anatomia humana, o **tímpano** ou **membrana timpânica**, é uma membrana em forma de cone fina que separa o ouvido externo do ouvido médio em humanos e outros tetrápodes.

[←14]



Lesão cerebral causada por uma pancada na cabeça ou uma agitação violenta da cabeça e do corpo.

[\[←15\]](#)



Manticora ou **Manticore** é uma criatura mitológica, semelhante às quimeras, com cabeça de homem, três afiadas fileiras de dentes de tubarão e com voz trovejante - e corpo de leão (geralmente, com pelo ruivo), olhos de cores diferentes e cauda de escorpião ou de dragão com a qual pode disparar espinhos venenosos.

[←16]



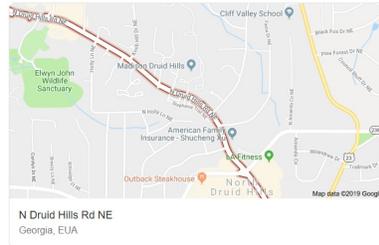
**Pirita** ou pirite, também pirite de ferro ou pirita de ferro é um dissulfeto de ferro,  $\text{FeS}_2$ . Tem os cristais isométricos que aparecem geralmente como cubos, mas também frequentemente como octaedros ou piritoedros (dodecaedros com faces pentagonais). Devido ao seu brilho metálico e à cor amarelo-dourada, recebeu também o apelido de ouro-dos-tolos (ou ouro-dos-parvos); ironicamente, contudo, pequenas quantidades de ouro podem às vezes ser encontradas disseminadas nas piritas.

[\[←17\]](#)



**North Dekalb Mall** é um shopping fechado localizado no Condado de DeKalb não constituído, perto de Decatur, um subúrbio de Atlanta, Geórgia, Estados Unidos.

[←18]



Rodovia localizada no estado da Geórgia – Estados

Unidos.

[\[←19\]](#)



**Fábrica de Casacos Burlington.**

[\[←20\]](#)



**PayLess**

[\[←21\]](#)



**A Ross Stores, Inc.**, que opera sob a marca Ross Dress for Less, é uma cadeia americana de lojas de departamentos com sede em Dublin, na Califórnia.

[\[←22\]](#)



**Denim** é um tecido obtido a partir do algodão trançado usado para fazer o jeans.

[←23]



Alforjes para cavalos.

[\[←24\]](#)



Pilares naturais de rochas.

[←25](#)



**Bengalas**

[\[←26\]](#)



**Erva-de-passarinho** ou visco é como são descritas as plantas arbustivas hemiparasitas das famílias Loranthaceae e Santalaceae, pertencentes à Ordem das Santales.

[←27](#)



Uma representação de uma Mulher-peixe.

[\[←28\]](#)



Um **odre** é um receptáculo usado para reter a água. Normalmente feito de couro de ovelha ou cabra, retém a água naturalmente e, portanto, foi muito útil em cruzamentos no deserto até a invenção da cantina.



**Dervixe** são praticantes do islamismo sufista que segue o caminho [ascético](#) da "Tariqah", conhecidos por sua extrema pobreza e austeridade. Os dervixes mais conhecidos no mundo são os da ordem Mevlevi, célebres pela cerimônia de adoração em que rodopiam num ato devocional denominado "dhikr". A Ilona se refere aos rodopios que os dervixes fazem durante uma celebração, ela usou esse termo como alusão ao giro preciso de ataque da Julie.

[←30]



**Um gêiser**, também grafado como géiser, é uma nascente termal que entra em erupção periodicamente, lançando uma coluna de água quente e vapor de ar.



As **Montanhas Great Smoky** são uma cordilheira, parte dos Montes Apalaches, localizada nos estados de Tennessee e Carolina do Norte, nos Estados Unidos. O seu pico mais alto é o Clingsman Dome, com seus 2.025 metros de altitude.

[\[←32\]](#)

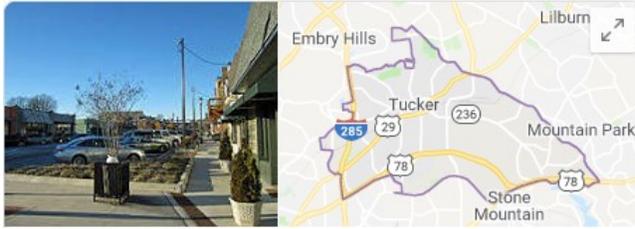


**Queijo suíço** é um nome genérico na América do Norte para várias variedades de queijos, principalmente de fabricação norte-americana, que se assemelham ao queijo Emmental, um queijo amarelo, médio-duro, originário da região do Emmental, na Suíça.

[←33](#)

Rodovia que atravessa a cidade de Atlanta - Georgia.

[←34]



**Tucker** é uma Região censo-designada localizada no estado americano de Geórgia, no Condado de DeKalb. Próximo a Atlanta.

[←35]



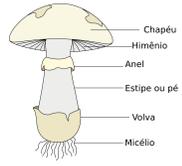
**Kudzu** é uma de 20 espécies do gênero *Pueraria*. Pertence à família Fabaceae, subfamília Faboideae. É uma espécie nativa do Japão. As flores medem de 1 a 1,5 cm. A preferência no habitat da kudzu é ao redor de florestas e campos de cultivo abandonados, onde há muita luz abundante.

[←36]



**Exxon Mobil Corporation** é uma empresa multinacional de petróleo e gás dos Estados Unidos, com sede em Irving, Condado de Dallas no estado do Texas.

[←37]



Partes de um cogumelo

[←38](#)



armadilha de urso.

[←39](#)



Javali

[\[←40\]](#)



Arco

[\[←41\]](#)



**Vidro azul de Bristol:** O vidro contém óxido de cobalto , que cria um [azul](#) profundo mas brilhante , e 24% de óxido de chumbo.

[←42]



O **halterofilismo** ou a halterofilia, levantamento de peso, ou ainda, levantamento de peso olímpico, é um desporto em que o atleta tenta levantar o maior peso possível, do chão até sobre a cabeça, numa barra em que são fixados pesos.

[←43]



**O rouxinol**, também conhecido como rouxinol-comum, é um pequeno pássaro anteriormente classificado como um membro da família Turdidae mas pertencente à família dos Muscicapideos que são restritos ao Velho Mundo.

[←44]



O **sabiá-laranjeira** é uma ave comum na América do Sul e o mais conhecido de todos os sabiás, identificado pela cor de ferrugem do ventre e por seu canto melodioso durante o período reprodutivo.



**Espírito do amanhecer.** Mitologia Eslava. À noite, quando ela vem a terra em forma de Estrela Cadente, se transforma em uma linda mulher que encanta as pessoas com sua beleza e se alimenta da energia vital das vítimas do seu encantamento. Somente aqueles que amam a alguém profundamente são capazes de resistir a sua magia.

# Table of Contents

[Notes](#)